

B369.15

Am24c

BC143414

8/

MARIO DE ANDRADE

**CLAN DO  
JABOTÍ**

**POESIA**

Co'ecção  
SÉRGIO B. HOLANDA  
Biblioteca Central  
UNICAMP

:: 1927 ::

**S. PAULO**

UNIDADE BC-SBH

N.º CHAMADA:

B.869.15

An.24c

V. Ex.

TOMBO BC/ 143414

PROC.

C

D

PREÇO

DATA

N.º CPD CM.000 277 507

BIBID 45660

a

Sergio Buarque de Lacerda

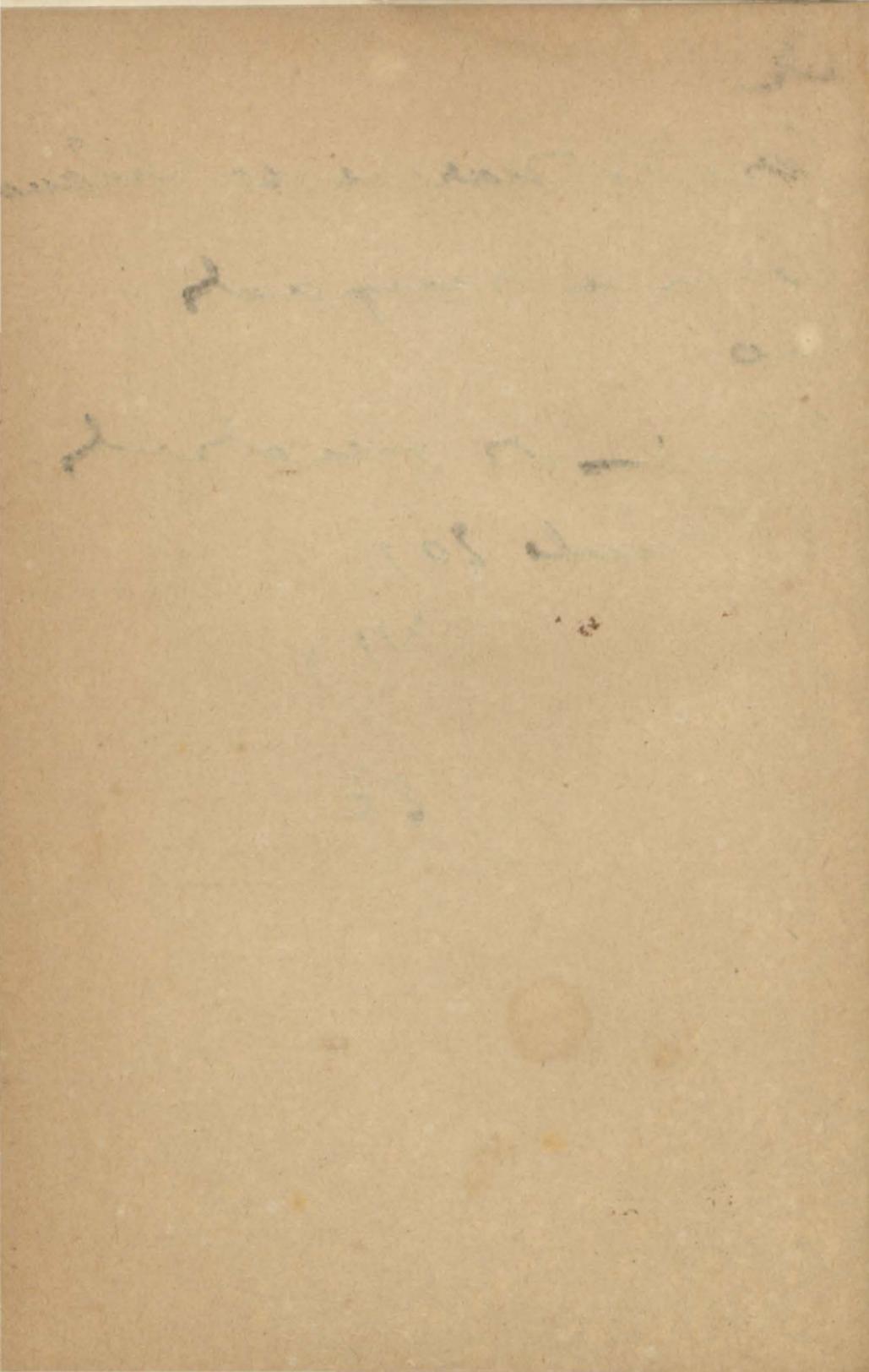
com a subjecto  
do

Ymir ou Juchub

S. Paulo 20,

XI,

22



MARIO DE ANDRADE

# Clan do Jabotí

POESIA

1927

São Paulo

**DO AUTOR:**

Ha uma Gota de Sangue em cada Poema — 1917  
— (poesia)

Paulicea Desvairada — 1922 — (poesia)

A Escrava que não é Isaura — 1925 — (poetica)

Losango Cáqui — 1926 — (lirismo)

Primeiro Andar — 1926 — (contos)

Amar, Verbo Intransitivo — 1927 — (idílio)

Clan do Jabotí — 1927 — (poesia)

**EM PREPARO:**

Macunaíma — (historia)

Compendio de Historia da Musica

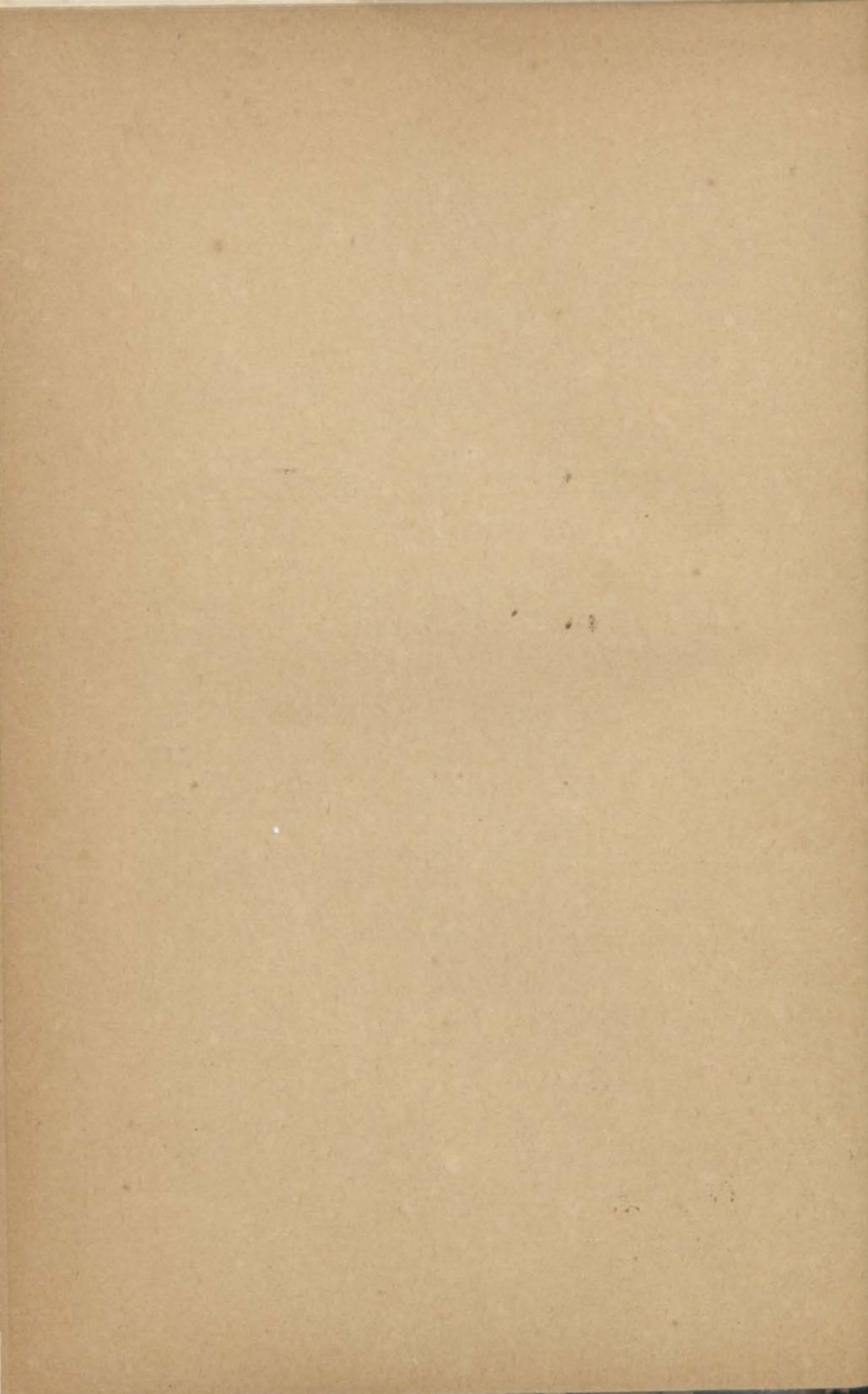
Gramatiquinha da Fala Brasileira

João Bobo — (romance)

O POETA COME AMENDOIM

*a Carlos Drummond de Andrade*

(1924)



Noites pesadas de cheiros e calores amontoados...  
Foi o Sol que por todo o sítio imenso do Brasil  
Andou marcando de moreno os brasileiros.

Estou pensando nos tempos de antes de eu  
nascer...

A noite era pra descansar. As gargalhadas bran-  
cas dos mulatos...

Silencio! O Imperador medita os seus versinhos.  
Os Caramurús conspiram na sombra das man-  
gueiras ovais.

Só o murmurejo dos cre'm-deus-padres irmanava  
os homens de meu país...

Duma feita os canhamboras perceberam que não  
tinha mais escravos,

Por causa disso muita virgem-do-rosario se  
perdeu...

Porém o desastre verdadeiro foi embonecar esta  
Republica temporã.

A gente inda não sabia se governar...  
Progredir, progredimos um tiquinho  
Que o progresso tambem é uma fatalidade...  
Será o que Nosso Senhor quiser!...

Estou com desejos de desastres...  
Com desejos do Amazonas e dos ventos muri-  
çocas  
Se encostando na cangerana dos batentes...  
Tenho desejos de violas e solidões sem sentido  
Tenho desejos de gemer e de morrer.

Brasil...  
Mastigado na gostosura quente do amendoim...  
Falado numa lingua curumim  
De palavras incertas num remeleixo melado me-  
lancolico...  
Saem lentas frescas trituradas pelos meus den-  
tes bons...  
Molham meus beijos que dão beijos alastrados  
E depois semitoam sem malícia as rezas bem  
nascidas...

Brasil amado não porquê seja minha pátria,  
Pátria é acaso de migrações e do pão-nosso onde  
Deus der...

Brasil que eu amo porquê é o ritmo do meu  
braço aventureiro,

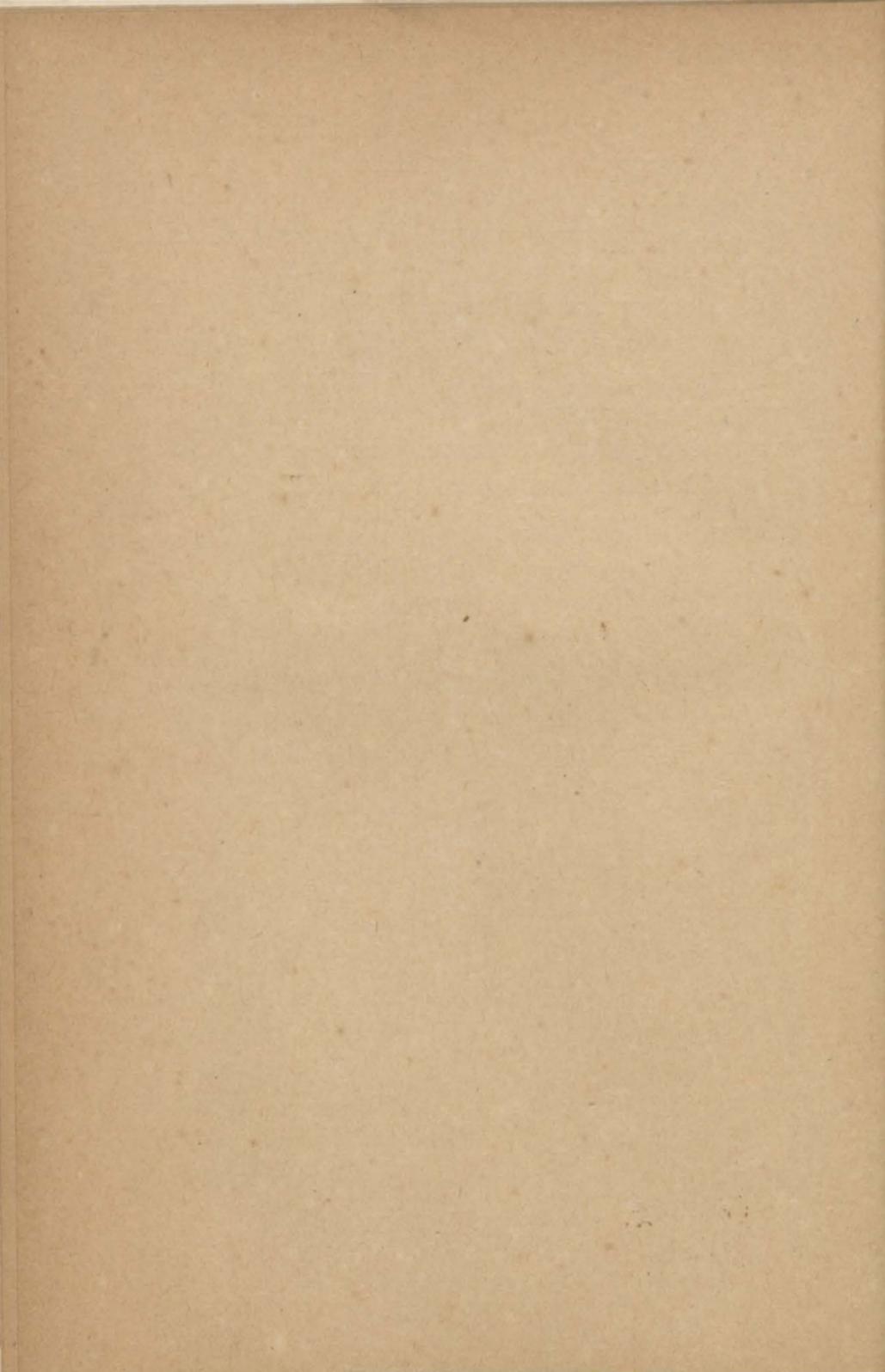
O gosto dos meus descansos,

O balanço das minhas cantigas amores e dansas.

Brasil que eu sou porquê é a minha expressão  
muito engraçada,

Porquê é o meu sentimento pachorrento,

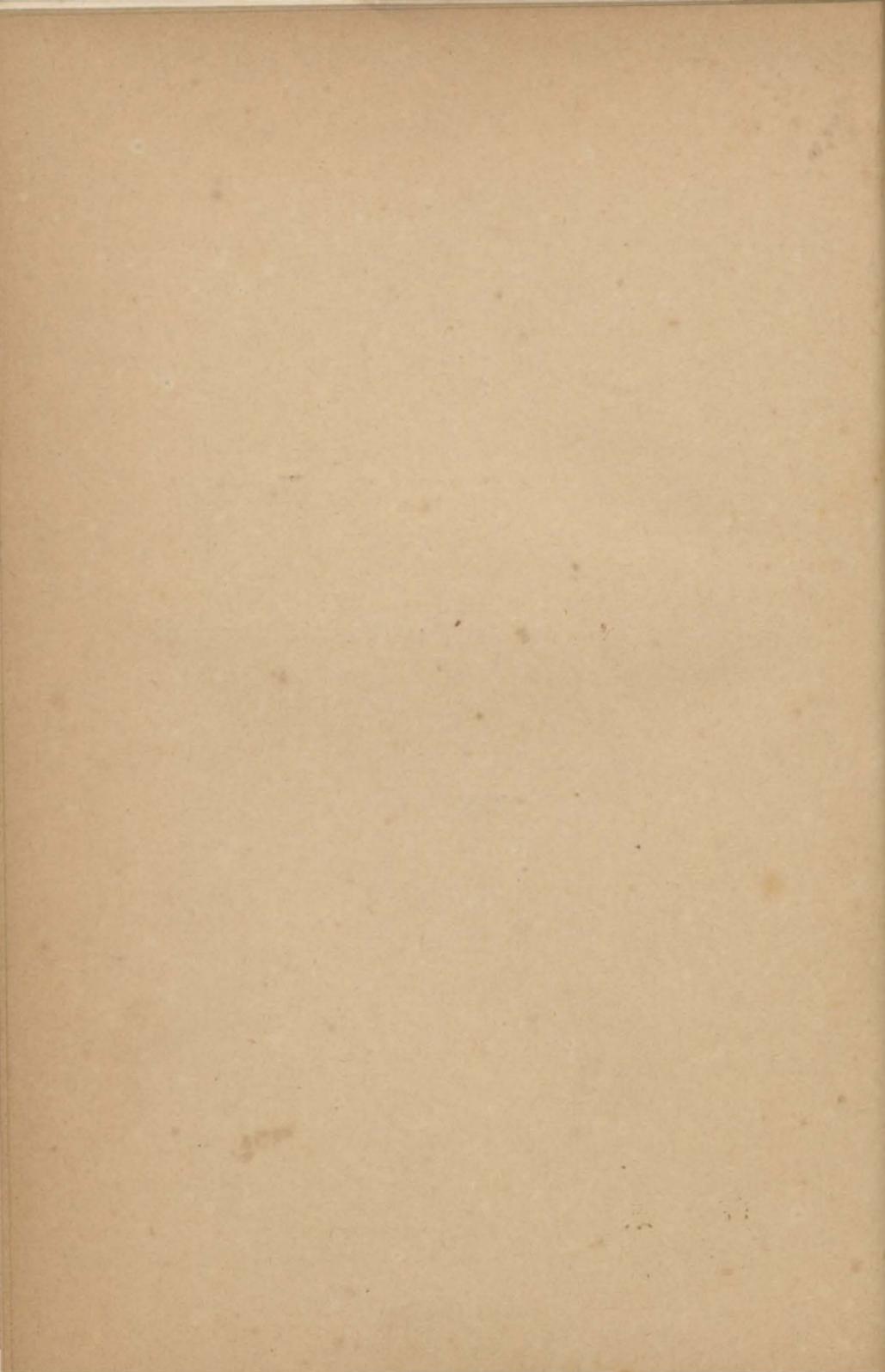
Porquê é o meu jeito de ganhar dinheiro, de  
comer e de dormir.



CARNAVAL CARIOCA

*a Manuel Bandeira*

(1923)



A fornalha estrala em mascarados cheiros silvos  
Bulhas de cor bruta aos trambolhões,  
Setins sedas cassas fundidas no riso febril...  
Brasil!  
Rio de Janeiro!  
Queimadas de verão!  
E ao longe, do tição do Corcovado a fumarada  
das nuvens pelo céu.

Carnaval...  
Minha frieza de paulista,  
Policiaimentos interiores,  
Temores da excepção...  
E o excesso goitacá pardo selvagem!  
Cafrarias desabaladas  
Ruinas de linhas puras  
Um negro dois brancos tres mulatos, despu-  
dores...

O animal desembesta aos botes pinotes desen-  
gonços  
No heroísmo do prazer sem máscaras supremo  
natural.

Tremi de frio nos meus preconceitos eruditos  
Ante o sangue ardendo povo chiba fremito e  
clangor.

Risadas e dansas  
Batuques maxixes  
Geitos de micos piricicas  
Ditos pesados, graça popular...  
Ris? Todos riem...

O individuo é caixeiro de armarinho na Gamboa.  
Cama de ferro curta por demais,  
Espelho mentiroso de mascate  
E no cabide roupas lustrosas demais...  
Dança uma joça repinicada  
De gestos pinchando ridiculos no ar.  
Corpo gordo que nem de matrona  
Rebolando embolado nas sáias baianas,  
Braço de fora, pelanca pulando no espaço  
E no decote cabeludo cascaveis saracoteando  
Desritmando a forçura dos musculos viris.  
Fantasiou-se de baiana,

A Baía é boa terra...

Está feliz.

Entoa atoa a toada safada  
E no escuro da boca banguela  
O halo dos beijos de carmim.  
Vibrações em redor.  
Pinhos gargalhadas assobios  
Mulatos remeleixos e buduns.  
Palmas. Pandeiros. — Aí, baiana!

Baiana do coração!

Serpentinas que saltam dos autos em monoculos  
curiosos,

Este cachorro espavorido,

Guarda-civil indiferente.

Fiscalisemos as piruetas...

Então só eu que vi?

Risos. Tudo aplaude. Tudo canta:

— Aí, baiana faceira,

Baiana do coração!

Ele tinha nos beijos sonoros beijando se rindo

Uma ruga esquecida uma ruga longinqua

Como esgar duma angústia indistinta ignorante...

Só eu pude gosa-la.

E talvez a cama de ferro curta por demais...

Carnaval...

A baiana se foi na religião de Carnaval

Como quem cumpre uma promessa.

Todos cumprem suas promessas de gosar.

Explodem rancos roucos trilos tchique-tchiques

E o falsete enguia esguia rabejando pelo aqua-  
rio multicolor.

Cordões de machos mulherisados,  
Ingleses evadidos da pruderie,  
Argentinos mascarando a admiração com des-  
dens superiores  
Degringolando em lenga-lenga de milonga,  
Polacas de indiscutível indole nagô,  
Yankees fantasiados de norteamericanos...  
Coiôsada emproada se aturdindo turtuveando  
Entre os carnavalescos de verdade  
Que pererecam pararacas em derengues meneios  
cantigas, chinfrim de gosar!

Tem outra raça ainda.

O mocinho vai fuçando o manacá naturalizado  
espanhola.

Ela se deixa bolinar na multidão compacta.

Por engano.

Quando aproximam dos polícias

Como ela é pura conversando com as amigas!

Pobre do moço olhando as fantasias dos outros

Pobre do solitario com chapéu caicai nos olhos

Naturalmente é um poeta...

Eu mesmo... Eu mesmo, Carnaval...

Eu te levava uns olhos novos

Pra serem lapidados em mil sensações bonitas

Meus lábios murmurando de comoção as-  
sustada

Haviam de ter purissimo destino...

E' que sou poeta

E na banalidade larga dos meus cantos

Fundir-se-ão de mãos dadas alegrias e tristuras,  
bens e males,

Todas as coisas finitas

Em rondas aladas sobrenaturais.

Ansia heroica dos meus sentidos

Pra acordar o segredo de seres e coisas.

Eu colho nos dedos as redeas que param o in-  
frene das vidas,

Sou o compasso que une todos os compassos,

E com a magia dos meus versos

Criando ambientes longinquos e piedosos

Transporto em realidades superiores

A mesquinhez da realidade.

Eu bailo em poemas, multicolorido!

Palhaço! Mago! Louco! Juiz! Criancinha!

Sou dansarino brasileiro!

Sou dansarino e danso! E nos meus passos  
conscientes

Glorifico a verdade das coisas existentes

Fixando os ecos e as miragens.

Sou um tupi tangendo um alaúde

E a tragica mixórdia dos fenomenos terrestres

Eu celestiso em eurias soberanas,

Oh encantamento da Poesia imortal!...

Onde que andou minha missão de poeta, Car-  
naval?

Puxou-me a ventania,  
Segundo círculo do Inferno,  
Rajadas de confetes  
Halitos diabolicos perfumes  
Fazendo relar pelo corpo da gente  
Semiramis Marilia Helena Cleopatra e Fran-  
cesca.

Milhares de Julietas!  
Domitilas fantasiadas de cow-girls,  
Isoldas de pijama bem francesas,  
Alzacias portuguesas holandesas...

Geografia!

Êh liberdade! Pagodeira grossa! Ê bom gosar!  
Levou a breca o destino do poeta,  
Barreei meus labios com o carmim doce dos  
dela...

Teu amor provinha de desejos irritados,  
Irritados como os morros do nascente nas pri-  
meiras horas da manhã.

Teu beijo era como o grito da araponga,  
Me alumeava atordoava com o golpe estridente  
viril.

Teu abraço era como a noite dormida na rede  
Que traz o dia de membros moles mornos de  
torpor.

Te possuindo eu me alimentei com o mel dos  
guarupús,

Mel acido, mel que não sacia,  
Mel que dá sede quando as fontes estão muitas  
leguas alem,  
Quando a soalheira é mais desoladora  
E o corpo mais exausto.

Carnaval...

Porém nunca tive intenção de escrever so-  
bre ti...

Morreu o poeta e um gramofone escravo

Arranhou discos de sensações...

## I

Em baixo do Hotel Avenida em 1923

Na mais pujante civilização do Brasil

Os negros sambando em cadencia.

Tão sublime, tão africa!

A mais moça bulcão polido ondulações lentas  
lentamente

Com as arrecadas chispando raios glaucos oiro  
na luz peluda de pó.

Só as ancas ventre dissolvendo-se em vaivens  
de ondas em cio.

Termina se benzendo religiosa talqualmente num  
ritual.

E o bombo gargalhante de tostões

Sincopa a graça da danada.

## II

Na capota franjada com chale chinês  
Amor curumim abre as asas de rúim papelão.  
Amor abandonou as setas sem prestígio  
E se agarra na cinta fecunda da mãe.  
Venus Vitoriosa emerge de ondas crespas ser-  
pentinhas,  
De ondas encapeladas por mexicanos e marque-  
ses cavalgando autos perseguidores.  
— Quero ir pra casa, mamã!

Amor com medo dos desejos...

## III

O casal jovem rompendo a multidão.  
O bando de mascarados de sopetão em bofeta-  
das de confetes na mulher.  
— Olhe só a boquinha dela!  
— Ria um pouco, beleza!  
— Come do meu!  
O marido esperou (com paciência) que a espôsa  
se desvencilhasse do bando de máscaras  
E lá foram rompendo a multidão.  
Ela apertava femininamente contra o seio o bra-  
ço protetor do  
Espôso.

Do espôso recebido ante a imponencia catedra-  
tica da Lei  
E as benções invisíveis — extraviadas? — do  
Senhor...

Meu Deus...

Onde que jazem tuas atrações?  
Pra que lados de fora da Terra  
Fugiu a paz das naves religiosas  
E a calma boa de rezar ao pé da cruz?  
Reboa o batuque.  
São priscos risadas  
São almas farristas  
Aos pinchos e guinchos  
Cambeteando na noite estival.  
Pierrots-femeas em calções mais estreitos que  
as pernas,  
Gambiarras iluminadas!  
Oblatas de confetes no ar,  
Incenso e mirra marca Rodo nacional  
Açulam raivas de gosar.

O cabra enverga fraque de setim verde no es-  
queleto.  
Magro magro asceta de longos jejuns difi-  
cillimos.  
Jantou gafanhotos.  
E gesticula fala canta.

Prédicas de meu Senhor...

Será que vai enumerar teus pecados e anatemas justos?

A boca dele florirá de bênçãos e perdões...

Porém de que lados de fora da Terra

Falam agora as tuas prédicas?

Quedê teus padres?

Quedê teus arcebispos purpurinos?

Quedele o tempo em que Felipe Neri

Sem fraque de setim verde no esqueleto

Agarrava a contar as parabolás lindas

De que os padres não se lembram mais?

Por onde prègam os Sumés de meu Senhor?

Aqueles a quem deixaste a tua Escola

Fingem ignorar que gostamos de parabolás lindas,

E todos nos pusemos sapeando histórias de pecado

Porquê não tinha mais histórias pra escutar...

Senhor! Deus bom, Deus grande sobre a terra e sobre o mar,

Grande sobre a alegria e o esquecimento humano,

Vem de novo em nosso rancho, Senhor!

Tu que inventaste as asas alvinhas dos anjos

E a figura batuta de Satanás;

Tu, tão humilde e imaginoso

Que permitiste Isis guampuda nos templos do  
Nilo,  
Que indicaste a bandeira triunfal de Dionisio  
pros gregos  
E empinaste Tupã sobre os Andes da America...

Aleluia!

Louvemos o Criador com os sons dos saxofones  
arrastados,

Louvemo-Lo com os salpicos dos xilofones ni-  
tidos!

Louvemos o Senhor com os riscos dos recorre-  
cos e os estouros do tantan,

Louvemo-Lo com a instrumentarada crespada do  
jazz-band !

Louvemo-Lo com os violões de cordas de tripa  
e as cordeonas imigrantes,

Louvemo-Lo com as flautas dos chôros mulatos  
e os cavaquinhos das serestas ambulantes!

Louvemos O que permanece através das festan-  
ças virtuosas e dos gôsos ilegítimos!

Louvemo-Lo sempre e sobre tudo! Louvemo-Lo  
com todos os instrumentos e todos os ritmos!...

Vem de novo em nosso rancho, Senhor!  
Descobrirei no colo dengoso da Serra do Mar  
Um derrame no verde mais claro do vale,  
Arrebanharei os cordões do carnaval

E pros carlitos marinheiros gigoletes e arlequins  
Tu contarás de novo com tua voz que é ver o  
leite

Essas histórias passadas cheias de bons sama-  
ritanos,

Dessas histórias cotubas em que Madalena ata-  
petava com os cabelos o teu chão...

...pacapacapacapão!... pacapão! pão! pão!...

Pão e circo!

Roma imperial se escarrapacha no anfiteatro da  
Avenida.

Os bandos passam coloridos,

Gesticulam virgens,

Semivirgens,

Virgens em todas as frações

Num desespêro de gosar.

Homens soltos

Mulheres sôltas

Mais duas virgens fuchicando o almofadinha

Maridos camaradas

Mães urbanas

Meninos

Meninas

Meninos

O de dois anos dormindo no colo da mãe...

— Não me aperte!

— Desculpe, madama!

Falsetes em desarmonia

Coros luzes serpentinas serpentinas

Coriscos coros caras colos braços serpentinas  
serpentinas

Matusalem cirandas Breughel

— Diacho!

Sambas bumbos guisos serpentinas serpentinas...

E a multidão compacta se aglomera aglutina  
mastiga em aproveitamentos brincadeiras as-  
fixias desejadas delirios sardinhas desmaios

Serpentinas serpentinas coros luzes sons

E sons!

YAYA, FRUTA-DO-CONDE,  
CASTANHA-DO-PARÁ!...

Yayá, fruta-do-conde,  
Castanha-do-Pará!...

O prestito passando.

Bandos de clarins em cavalos fogosos.

Utiaritis aritis assoprando cornetas sagradas.

Fanfarras fanfarrans

fenferrens

finfirrins...

Forrobodó de cúia!

Vitória sobre a civilização! Que civilização?...

E' Baco!

E' Baco num carro feito de oiro e de mulheres

E dēz parelhas de bêstas imorais.

Tudo aplaude guinchos berros,

E sobre o Etna de loucuras e polvoras

Os Tenentes do Diabo.

Alegorias, criticas, parodias

Palacios bêstas do fundo do mar,

Os alugueis se elevam...

Os senhorios exigentes...

Cães! infames! malditos!...

...Eu enxerguei com êstes meus olhos que inda  
a Terra ha-de comer

Anteontem as duas mulheres se fantasiando de  
lagrimas.

A mais nova amamentava o esqueletinho.

Quatro barrigudinhos sem infancia,

Os trastes sem conchego

No lar-de-todos da rua...

O Solzão ajudava a apoteose

Com o despejo das cores e calores...

Segue o prestito numa via-latea de esplendores.  
Prêsa num palanquim de onix e porfiro...  
Ota, morena boa! .  
Os olhos dela têm o verde das florestas,  
Todo um brasil de escravos banzo sensualismos,  
Indios nús balanceando na terra das tabas,  
Cauim curare cachirí  
Cajás... Ariticuns... Pele de Sol!  
Minha vontade por você serpentinando...

O prestito se vai.

Os Blocos se amontoam me afastando de você...  
Passa o Flor de Abacate,  
Passa o Miséria e Fome, o Ameno Resedá...  
O prestito se vai...

Você também se foi rindo pros outros,  
Senhora dona ingrata  
Coberta de oiro e prata...

Esfusios de risos...

Arrancos de metais...

O schlschlsch monotono das serpentinadas...

Monotono das serpentinadas...

E a surpresa do fim: Fadiga de gosar.

Claros em torno da gente.

Bolas de fitas de papel rolando pelo chão.

Manchas de asfalto.

Os corpos adquirem de novo as sombras deles.

Tem lugares no bar.

As árvores poisam de novo no chão graciosas  
ordenadas,

Os palacios começam de novo subindo no céu...

Quatro horas da manhã.

Nos clubes nas cavernas

Inda se ondula vagamente no maxixe.

Os corpos se unem mais.

Tem cinzas na escuraleza indecisa da arraiada.

Já é quarta-feira no Passeio Publico.

Numa sanha final

Os varredores carnavalizam as brisas da manhã

Com poeiras perfumadas e cromaticas.

Peri triste sentou na beira da calçada.

O carro-chefe dos Democraticos

Sem a falação do estandarte

Sem vida, sem mulheres

Senil buscando o barracão.

Democraticamente...

Aurora... Tchim! Um farfalhar de plumas au-  
reas no ar.

E as montanhas que nem tribus de guaianás em  
rapinas de luz  
Com seus cocares de penas de tucano.

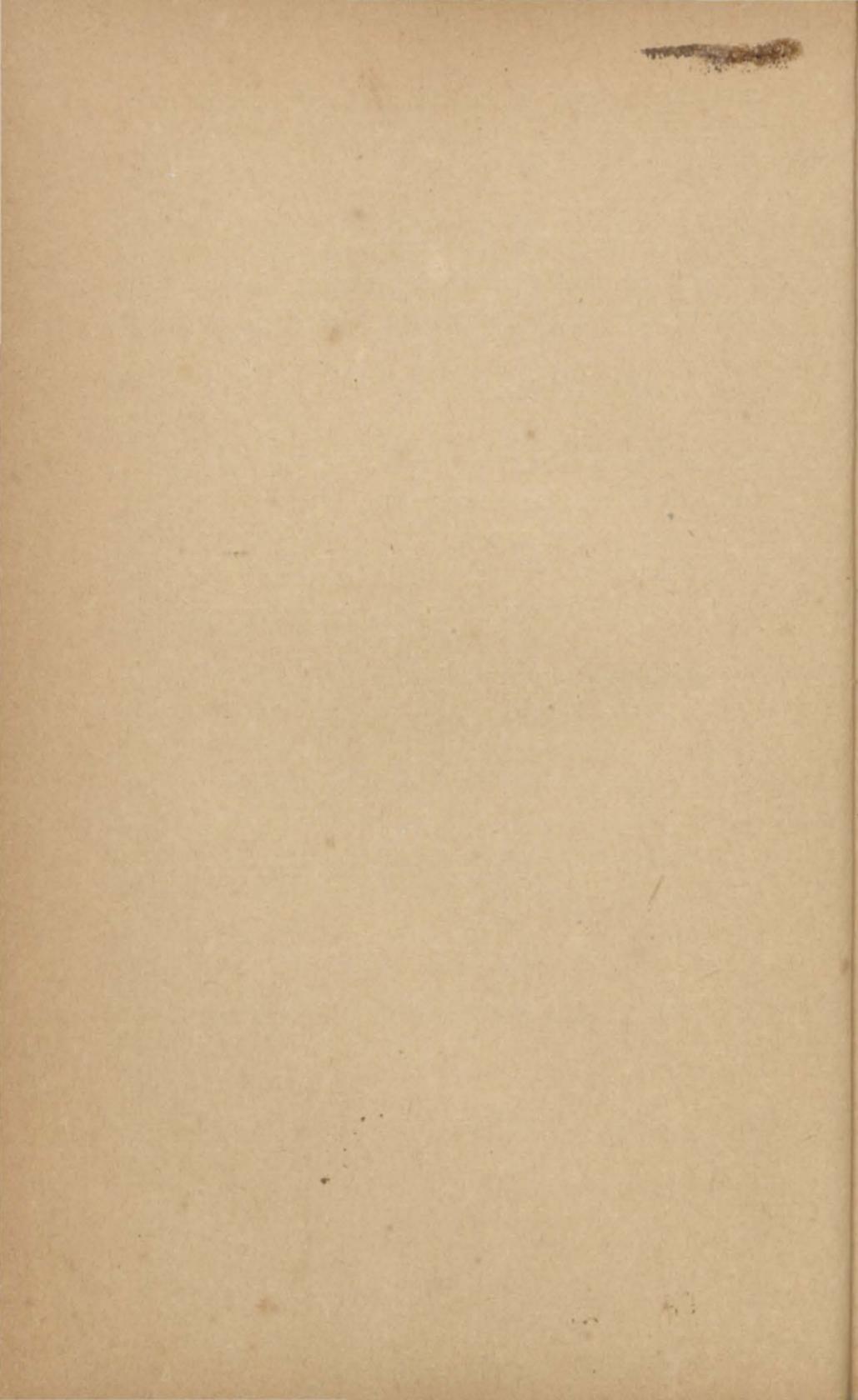
O poeta se debruça no parapeito de granito.  
A rodelinha de confete cai do chapéu dele,  
Vai saracotear ainda no samba mole das ondas.

Então o poeta vai deitar.

Lentamente se acalma no país das lembranças  
A invasão furiosa das sensações.  
O poeta sente-se mais seu.  
E puro agora pelo contacto de si mesmo.  
Descansa o rosto sobre a mão que escreverá.

Lhe embala o sono  
A barulhada matinal de Guanabara...  
Sinos buzinas clacsons campainhas  
Apitos de oficinas  
Motores bondes prégões no ar,  
Carroças na rua, tranzatlanticos no mar...  
E' a cantiga-de-berço.  
E o poeta dorme.

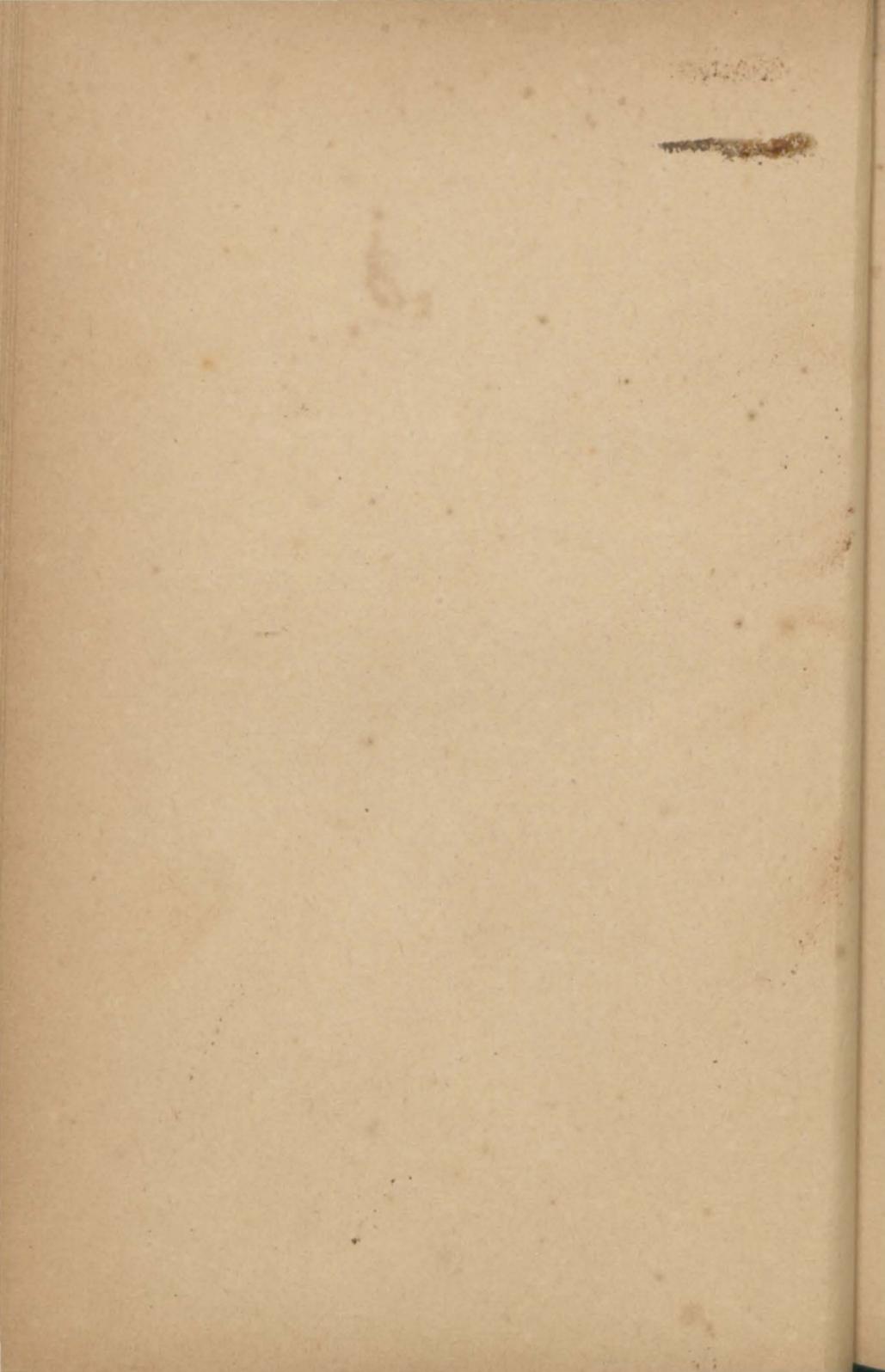
O poeta dorme sem necessidade de sonhar.



COORDENADAS

*a Couto de Barros*

(1924)



## RONDÓ PRA VOCÊ

De você, Rosa, eu não queria  
Receber somente êsse abraço  
Tão devagar que você me dá,  
Nem gosar somente êsse beijo  
Tão molhado que você me dá...  
Eu não queria só porquê  
Por tudo quanto você me fala  
Já reparei que no seu peito  
Soluça o coração bem feito  
De você.

Pois então eu imaginei  
Que junto com êsse corpo magro  
Moreninho que você me dá,

Com a boniteza a faceirice  
A risada que você me dá  
E me enrabicham como o quê,  
Bem que eu podia possuir também  
O que mora atrás do seu rosto, Rosa,  
O pensamento a alma o desgosto  
De você.

## VIUVITA

Ela era mesmo bonita, muito moça  
Esperando autobonde sozinha na esquina.  
Todos os homens a encaravam sem respeito, de-  
sejando.

Vai, pra se livrar de tanta amolação  
Ela fez êsse gesto de moça que arranja chapeu,  
Só pra mostrar a defesa que tinha no dedo, uma  
aliança.

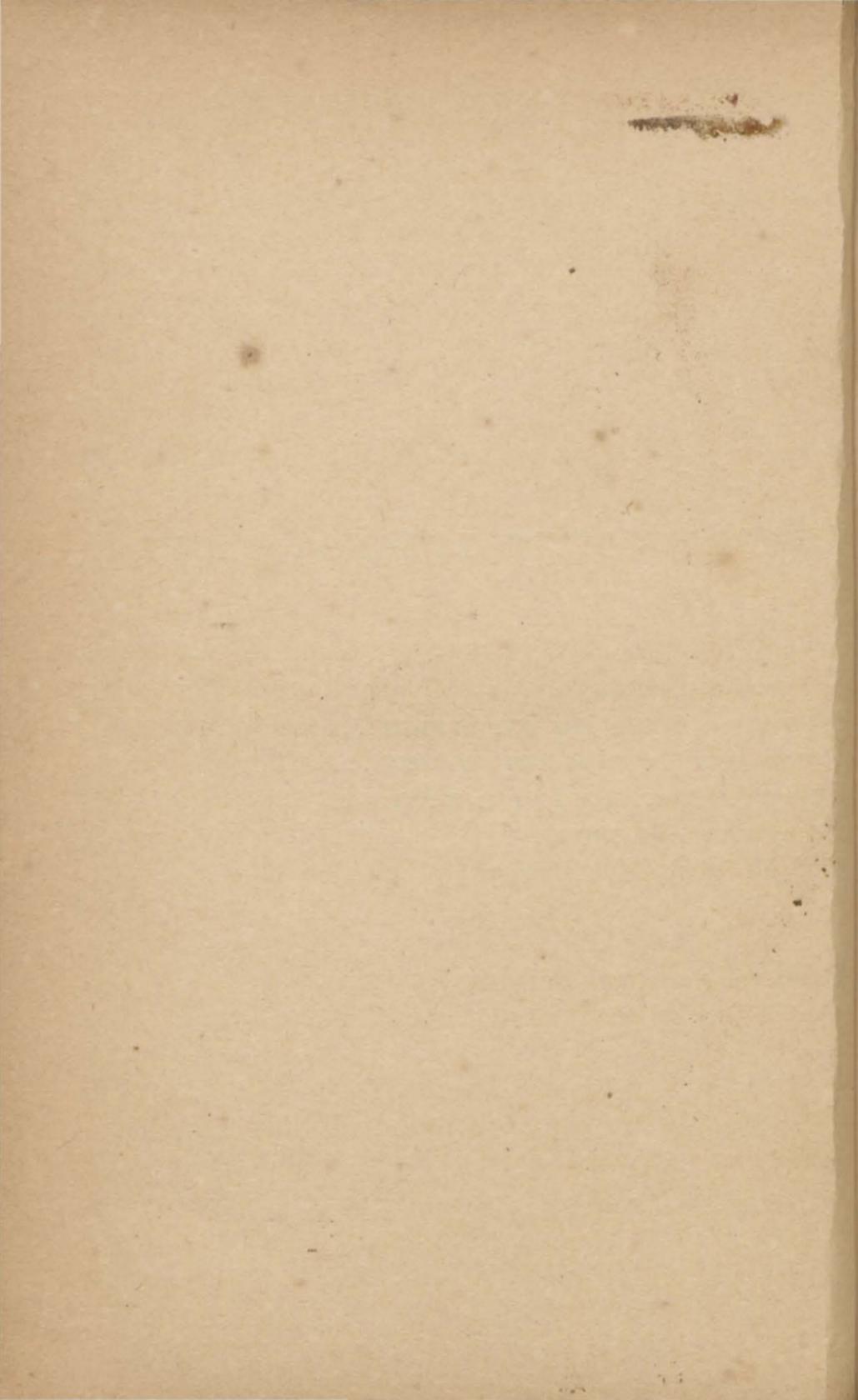
A moça esqueceu que tinha duas alianças no  
dedo...

Por causa disso os homens se aproximaram  
mais.

## LEMBRANÇAS DO LOSANGO CÂQUI

Meu Deus como ela era branca!...  
Como era parecida com a neve...  
Porêm não sei como é a neve,  
Eu nunca vi a neve,  
Eu não gosto da neve!

E eu não gostava dela...



## S A M B I N H A

Vêm duas costureirinhas pela rua das Palmeiras.  
Afobadas braços dados depressinha  
Bonitas, Senhor! que até dão vontade pros ho-  
mens da rua.

As costureirinhas vão explorando perigos...

Vestido é de seda.

Roupa-branca é de morim.

Falando conversas fiadas

As duas costureirinhas passam por mim.

— Você vai?

— Não vou não!

Parece que a rua parou pra escuta-las.

Nem os trilhos sapecas

Jogam mais bondes um pro outro.  
E o Sol da tardinha de abril  
Espia entre as palpebras sapiroquentas de duas  
nuvens.  
As nuvens são vermelhas.  
A tardinha é cor-de-rosa.

Fiquei querendo bem aquelas duas costurei-  
rinhas...  
Fizeram-me peito batendo  
Tão bonitas, tão modernas, tão brasileiras!  
Isto é...  
Uma era italo-brasileira.  
Outra era africo-brasileira.  
Uma era branca.  
Outra era preta.

## MODA DOS QUATRO RAPAZES

*(Campos do Jordão)*

Nós somos quatro rapazes  
Dentro duma casa vazia.

Nós somos quatro amigos intimos  
Dentro duma casa vazia.

Nós somos ver quatro irmãos  
Morando na casa vazia.

Meu Deus! si uma sáia entrasse  
A casa toda se encheria!

Mas era uma vez quatro amigos intimos...

## MODA DO BRIGADEIRO

*(Campos do Jordão)*

O brigadeiro Jordão  
Possuiu êstes latifúndios  
Dos quais o metro quadrado  
Vale hoje uns nove milreís.  
Puxa! que homem felizardo  
O brigadeiro Jordão!...  
Tinha casa tinha pão,  
Roupa lavada e engomada  
E terras... Qual terras! mundos  
De pastos e pinheirais!  
Que troças em perspectiva...  
Nem pensava em serrarias

Nem fundava sanatorios  
Nem gado apascentaria!  
Vendia tudo por oito  
E com a bolada no bolso  
Ia no largo do Arouche  
Comprar aquelas pequenas  
Que moram numa pensão!

Mas não são minhas as terras  
Do brigadeiro Jordão...

## ACALANTO DA PENSÃO AZUL

*(Campos do Jordão)*

Oh heticas maravilhosas  
Dos tempos quentes do Romantismo,  
Maãs coradas olhos de abismo,  
Donas perversas e perigosas,  
Oh heticas maravilhosas!  
Não vos compreendo, sois de outras eras,  
Fazei de pressa o pneumotorax  
Mulheres de Antó e de Dumas Filho!  
E então seremos bem mais felizes,  
Eu sem receio do vosso brilho,  
Vós sem bacilos nem hemoptises,  
Oh heticas maravilhosas!



NOTURNO DE BELO HORIZONTE

*a Elysio de Carvalho*

(1924)



Maravilha de milhares de brilhos vidrilhos,  
Calma do noturno de Belo Horizonte...  
O silencio fresco desfolha das árvores  
E orvalha o jardim só.  
Larguezas.

Enormes coagulos de sombra.

O policia entre rosas...

Onde não é preciso, como sempre...

Ha uma ausencia de crimes

Na jovialidade infantil do friozinho.

Ninguem.

O monstro desapareceu.

Só as árvores árvores do mato-virgem

Pendurando a tapeçaria das ramagens

Nos braços cabindas da noite.

Que luta pavorosa entre floresta e casas...

Todas as idades humanas

Macaqueadas por arquiteturas historicas

Tôrres torreões torrinhas e tolices  
Brigaram em nome da?  
Os mineiros secundam em côro:  
— Em nome da civilização!  
Minas progride.  
Tambem quer ter tambem capital modernissi-  
ma tambem...  
Porticos gregos do Instituto de Radio  
Onde jamais Empedocles entrará...  
O Conselho Deliberativo é manuelino,  
Salão sapiente de Manueis-da-hora...  
Arcos romanicos de São José  
E a cathedral que pretende ser gotica...  
Pois tanto esquecimento da verdade!  
A terra se insurgiu.

O mato invadiu o gradeado das ruas,  
Bondes sopesados por troncos herculeos,  
Incêndio de Cafés,  
Setas inflamadas,  
Combôio de transfugas pra Rio de Janeiro,  
A ramaria crequenta cegando as janelas  
Com a poeira dura das folhagens...  
Aquele homem fugiu.  
A imitação fugiu.  
Clareiras do Brasil, praças agrestes!...  
Paz.

O mato vitorioso acampou nas ladeiras.  
Suor de resinas opulentas.

Grupos de automoveis.  
Baitacas e jandaias do rosal.  
E o noturno apagando na sombra o artificio e  
o defeito  
Adormece em Belo Horizonte  
Como um sonho mineiro.  
Tem festas do Tejuco pelo céu!  
As estrêlas baralham-se num estardalhaço de  
luzes.  
O sr. barão das Catas-Altas  
Reune todas as constelações  
Pra fundir uma baixela de mundos...  
Bulicio de multidões matizadas...  
Emboabas, carijós, espanhois de Felipe IV...  
Tem baianos redondos...  
Dom Rodrigo de Castel Branco partirá!...  
Lumeiro festival... Gritos... Tocheiros...  
O Triunfo Eucaristico abala chispeando...  
Os planetas comparecem em pessoa!  
Só as magnolias — que banzo dolorido! —  
As carapinhas fofas polvilhadas  
Com a prata da Via-Latea  
Seguem prá igreja do Rosario  
E pro jongo de Chico-Rei...

Estrêlas árvores estrêlas  
E o silencio fresco da noite deserta.  
Belo Horizonte desapareceu  
Transfigurada nas recordações.

...Minas Gerais, fruta paulista...  
Ouvi que tem minas ocultas por cá...  
Mas ninguém mais conhece Marcos de Azeredo,  
Quedê os roteiros de Roberio Dias?

Prata

Diamantes cascadeantes  
Esmeraldas esmeraldas esperanças!...

Não são esmeraldas, são turmalinas bem se vê:

A casinha de taipa a beira-rio.  
Canoa abicada na margem,  
A bruma das monções,  
Mais nada.  
Os galhos lavam matinalmente os cabelos  
Na agua barrenta indiferente.  
As ondas sozinhas do Paraíba  
Morrem avermelhadas mornas cor-de-febre.  
E a febre...

Não sejamos muito exigentes.  
Todos os países do mundo  
Tem os seus Guaicuis emboscados  
No sossêgo das ribanceiras dolentes.  
As carneiradas ficavam pra trás...  
O trem passava apavorado.  
Só parou muito longe na estação  
Pra que os romeiros saudassem  
Nosso Senhor da Boa-Viagem.

Ele ficava imóvel na beira dos trilhos  
Amarrado á cegueira.  
Trazia só os mulambos necessarios  
Como convem aos santos e  
Aos avarentos.  
Porém o netinho corria junto das janelas dos  
vagões  
Com o chapéu do cego na mão.  
Quando a esmola caia — com que triunfo! —  
o menino gritava:  
— Pronto! Mais uma!  
Então lá do seu mundo  
Nosso Senhor abençoava:  
— Boa viagem.

Examina a carne do teu corpo.  
Apesar da perfeição das estradas-de-ferro  
E da inflexível providencia dos horarios,  
Encontros descarrilamentos mortes...  
Pode ser!...  
As esmolas tombavam.  
— Pronto! Mais uma!  
— Boa viagem.

Minas Gerais de assombros e anedotas...  
Os mineiros pintam diariamente o céu de azul  
Com os pinceis das macaúbas folhudas.  
Olhe a cascata lá!  
Subita bombarda.

Talvez fôlha de arbusto,  
Ninho de tenenem que cai pesado,  
Talvez o trem, talvez ninguem...  
As aguas se assustaram  
E o estouro dos rios começou.

Vão soltos pinchando rabanadas pelos ares,  
Salta aqui salta corre viravolta pingo grito  
Espumas brancas alvas  
Fluem bolhas bolas,  
Itoupavas altas...  
Borbulham bulhando em murmurios churriantes  
Nas bolsas brandas largas das enseadas lan-  
guidas...  
De sopetão fosso.

Mergulho.

Uivam tombando.

Desgarram serra abaixo.  
Rio das Mortes  
Paraopeba  
Paraibuna,  
Mamotes brancos...  
E o Arassuí de Fernão Dias...  
Barafustam vargens fora  
Até acalmarem muito longe exanimes  
Nas polidas lagoas de cabeça pra baixo.

Rio São Francisco o marroeiro dos matos  
Partiu levando o rebanho pro norte  
Ao abôio das aguas lentamente.

A barça que ruma pra Joazeiro  
Desce ritmada pelos golpes dos remeiros.  
Na proa, o olhar distante a olhar,  
Matraca o dansador:

“Meu pangaré arreado,  
Minha garrucha laporte,  
Encostado no meu bem  
Não tenho medo da morte.  
Ah!...”

Um grande Ah!... aberto e pesado de espanto  
Varre Minas Gerais por toda a parte...

Um silencio repleto de silencio  
Nas invernadas nos araxás  
No marasmo das cidades paradas...  
Passado a fuchicar as almas,  
Fantasmas de altares, de naves doiradas  
E dos palacios de Mariana e Vila Rica...

Isto é: Ouro Preto.

E o nome lindo de São José d'El Rei mudado  
num odontologico Tiradentes...  
Respeitemos os martires.

Calma do noturno de Belo Horizonte...  
As estrêlas acordadas enchem de Ahs!... ecoan-  
tes o ar.

O silencio fresco despenca das árvores.  
Veio de longe, das planicies altas,  
Dos cerrados onde o guache passa rapido...

Vvvvvvv... passou.

Passou talqual o fausto das paragens de ouro  
velho...

Minas Gerais, fruta paulista...

Fruta que apodreceu.

Frutificou mineira! Taratá!

Ha tambem colheitas sinceras!

Milharais canaviais cafèzais insistentes

Trepadeirando morro acima.

Mas que chãos sovinas como o mineiro-zebú!

Dizem que os baetas são agarrados...

Não percebi, graças a Deus!

Na fazenda do Barreiro recebem opulentamente.

Os pratos nativos são indices de nacionalidade.

Mas no Grande Hotel de Belo Horizonte servem  
á francesa.

Et bien! Je vous demande un toutou!

Venha a batata-doce e o torresmo fondant!

Carne-de-porco não!

O médico russo afirma que na carne-de-porco  
andam microbios de loucura...

Basta o meu desvairismo!

E os pileques

quasi pileques

salamaleques

da caninha de manga!...

Taratá! Quero a couve mineira!

Minas progride!

Mãos esqueléticas de máquinas britando mi-  
nerios,  
As estradas-de-ferro estradas-de-rodagem  
Serpenteiam teosoficamente fecundando o de-  
serto...

Afinal Belo Horizonte é uma tolice como as  
outras.

São Paulo não é a unica cidade arlequinal.  
E ha vida ha gente, nosso povo tostado.

O secretário da Agricultura é novo!

Fábricas de calçados

Escola de Minas no palacio dos Governadores,

Na Casa dos Contos não tem mais poetas encar-  
cerados,

Campo de futebol em Carmo da Mata,

Divinópolis possui o melhor chuveiro do mundo,

As cunhãs não usam mais pó de oiro nos cabelos,

Os choferes avançam no bolso dos viajantes,

Teatro grego em São João d'El Rei

Onde jamais Euripides será representado...

Ninguem mais para nas pontes, Critilo,

Novidadeirando sobre damas casadas.

Tenho pressa! Ganhemos o dia!

Progresso! Civilização !

As plantações pendem maduras.

O morfetico ao lado da estrada esperando  
automoveis...

Cheiro fecundo de vacas,

Pedreiras feridas,  
Eletricidade submissa...  
Minas Gerais saxeia e atualista  
Não resumida ás estações-termas!  
Gentes do Triangulo Mineiro, Juiz de Fora!  
Fôrça das xiriricas das florestas e cerrados!  
Minas Gerais, fruta paulista!...

Alegria da noite de Belo Horizonte!  
Ha uma ausencia de males  
Na jovialidade infantil do friozinho.  
Silencio brincalhão salta das árvores,  
Entra nas casas desce as ruas paradas  
E se engrossa agressivo na praça do Mercado.  
Vento florido roda pelos trilhos.  
Vem de longe, das grotas preistoricas...  
Descendo as montanhas  
Fugiu dos despenhadeiros assombrados do Ro-  
la-Moça...

Estremeção brusco de medo.  
Pavor.  
Folhas chorosas de eucaliptos.  
Sino bate.  
Ninguém.  
A solidão angustiosa dos pincaros...  
A paz chucra ressabiada das gargantas da mon-  
tanha...

A serra do Rola-Moça  
Não tinha êsse nome não...

Eles eram do outro lado,  
Vieram na vila casar.  
E atravessaram a serra,  
O noivo com a noiva dele  
Cada qual no seu cavalo.

Antes que chegasse a noite  
Se lembraram de voltar.  
Disseram adeus pra todos  
E puseram-se de novo  
Pelos atalhos da serra  
Cada qual no seu cavalo.

Os dois estavam felizes,  
Na altura tudo era paz.  
Pelos caminhos estreitos  
Ele na frente ela atrás.  
E riam. Como êles riam!  
Riam até sem razão.

A serra do Rola-Moça  
Não tinha êsse nome não.

As tribus rubras da tarde  
Rapidamente fugiam  
E apressadas se escondiam  
Lá em baixo nos socavões  
Temendo a noite que vinha.

Porêm os dois continuavam  
Cada qual no seu cavalo,

E riam. Como êles riam!  
E os risos tambem casavam  
Com as risadas dos cascalhos  
Que pulando levianinhos  
Da vereda se soltavam  
Buscando o despenhadeiro.

Ah, Fortuna inviolavel!  
O casco pisara em falso.  
Dão noiva e cavalo um salto  
Precipitados no abismo.  
Nem o baque se escutou.  
Faz um silencio de morte.  
Na altura tudo era paz...  
Chicoteando o seu cavalo,  
No vão do despenhadeiro  
O noivo se despenhou.

E a serra do Rola-Moça  
Rola-Moça se chamou.

Eu queria contar as histórias de Minas  
Pros brasileiros do Brasil...

Filhos do Luso e da melancolia,  
Vem, gente de Alagoas e de Mato Grosso,  
De norte e sul homens fluviaes do Amazonas e  
do rio Paraná...

E os fluminenses salinos  
E os guascas e os paraenses e os pernambucanos  
E os vaqueiros de couro das caatingas

E os goianos governados por meu avô...  
Teutos de Santa Catarina,  
Retirantes de lingua sêca,  
Maranhenses paraibanos e do Rio Grande do  
Norte e do Espirito Santo  
E do Acre, irmão caçula,  
Toda a minha raça morena!  
Vem, gente! vem ver o noturno de Belo Hori-  
zonte!  
Sejam comedores de pimenta  
Ou de carne requentada no dorso dos pigarços  
petiços,  
Vem, minha gente!  
Bebedores de guaraná e de assaí,  
Chupadores do chimarrão,  
Pinguços cantantes, cafêsistas ricos,  
Mamiferos amamentados pelos cocos de Pin-  
dorama,  
Vem, minha gente, que tem festas do Tejuco  
pelo céu!  
Barbara Heliadora desgrenhada louca  
Dizendo versos desce a rua Pará...  
Quem conhece as ingratidões de Marília?  
Juro que foi Nosso Senhor Jesus Cristo Ele  
mesmo  
Que plantou a sua cruz no adro das capelas da  
serra!  
Foi Ele mesmo que em São João d'El Rei  
Esculpiu as imagens dos seus santos...

E ha histórias tambem pros que duvidam de Deus...

O coronel Antonio de Oliveira Leitão era casado com dona Branca Ribeiro do Alvarenga, ambos de orgulhosa nobreza vicentina. Porém nas tardes de Vila Rica a filha deles abanava o lenço no quintal... — “Deve ser a algum plebeu, que não ha moços nobres na cidade...” E o descendente de cavaleiros e de capitães-mores não quer saber de mésalliances. O coronel Antonio de Oliveira Leitão esfaqueou a filha. Levaram-no prêso prá Baía onde foi decapitado. Pois dona Branca Ribeiro do Alvarenga reuniu todos os cabedais. Mandou construir com êles uma igreja pra que Deus perdoasse as almas peccadoras do marido e da filha.

Meus brasileiros lindamente misturados,  
Si vocês vierem nessa igreja dos Perdões  
Rezem tres avè-marias ajoelhadas  
Pros dois desinfelizes.  
Creio que a moça não carece muito delas  
Mas ninguem sabe onde estará o coronel...  
Credo!

Mas não ha nada como histórias pra reunir na  
mesma casa...  
Na Arabia por saber contar histórias  
Ûa mulher se salvou...

A Espanha estilhaçou-se numa poeira de nações  
americanas

Mas sobre o tronco sonoro da lingua do ão

Portugal reuniu 22 orquideas desiguais.

Nós somos na Terra o grande milagre do amor.

Que vergonha si representassemos apenas con-  
tingencia de defesa

Ou mesmo ligação circunscrita de amor...

Porêm as raças são verdades essenciais

E um elemento de riqueza humana.

As patrias têm de ser uma expressão de Huma-  
nidade.

Separadas na guerra ou na paz são bem pobres

Bem mesquinhos exemplos de alma

Mas compreendidas juntas num amor consciante  
e exato

Quanta história mineira pra contar!

Não prègo a guerra nem a paz, eu peço amor!

Eu peço amor em todos os seus beijos,

Beijos de odio, de cópula ou de fraternidade.

Não prègo a paz universal e eterna, Deus me  
livre!

Eu sempre contei com a imbecilidade vaidosa  
dos homens

E não me agradam os idealistas.

E temo que uma paz obrigatoria

Nos fizesse esquecer o amor

Porquê mesmo falando de relações de povo e  
povo

O amor não é uma paz

E é por amor que Deus nos deu a vida...

O amor não é uma paz, bem mais bonito que ela,

Porquê é um completamento!...

Nós somos na Terra o grande milagre do amor!

E embora tão diversa a nossa vida

Dansamos juntos no carnaval das gentes,

Bloco pachola do "Custa mas vai!"

E abre alas que Eu quero passar!

Nós somos os brasileiros auriverdes!

As esmeraldas das araras

Os rubis dos colibris

Os abacaxis as mangas os cajús

Atravessam amorosamente

A fremente celebração do Universal!

Que importa que uns falem mole descansado

Que os cariocas arranhem os érreres na garganta

Que os capixabas e paroaras escancarem as  
vógais?

Que tem si o quinhentos reis meridional

Vira cinco tostões do Rio pro norte?

Juntos formamos êste assombro de miserias e  
grandezas,

Brasil, nome de vegetal!...

O bloco fantasiado de histórias mineiras  
Move-se na avenida de seis renques de árvores...  
O Sol explode em fogaréus...  
O dia é frio sem nuvens, de brilhos vidrilhos...  
Não é dia! Não tem Sol explodindo no céu!  
E' o delírio noturno de Belo Horizonte...  
Não nos esqueçamos da cor local:  
Itacolomi... Diário de Minas... Bondes do Ca-  
lafate...  
E o silêncio... sio... sio... Quirirí...

Os seres e as coisas se aplainam no sono.  
Tres horas.  
A cidade oblíqua  
Depois de dansar os trabalhos do dia  
Faz muito que dormiu.

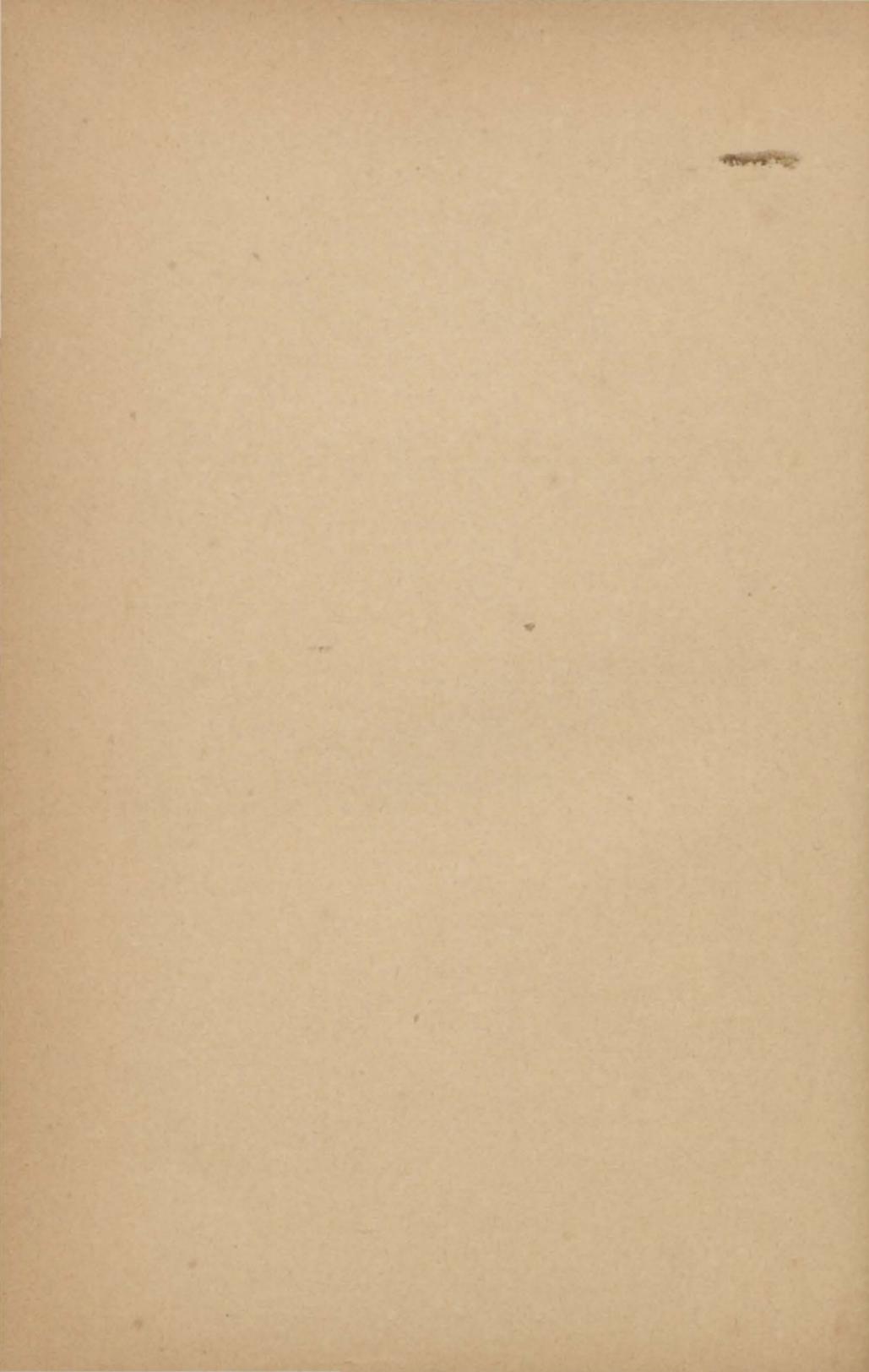
Seu corpo respira de leve o aclave vagarento das  
ladeiras.  
De longe em longe gritam solitários brilhos  
falsos  
Perfurando o sombral das figueiras:  
Berenguendens berloques europeis de Oropá  
consagrada  
Que a goianá trocou pelas pepitas de oiro fino.  
Dorme Belo Horizonte.  
Seu corpo respira de leve o aclave vagarento das  
ladeiras...  
Não se escuta sequer o ruído das estrêlas ca-  
minhando...

Mas os poros abertos da cidade  
Aspiram com sensualidade com delicia  
O ar da terra elevada.  
Ar arejado batido nas pedras dos morros,  
Varado através da agua trançada das cachoeiras,  
Ar que brota nas fontes com as aguas  
Por toda a parte de Minas Gerais.

O RITMO SINCOPADO

*a Tarsila*

(1923 a 1926)



## ARRAIADA

Manhãzinha

A italiana vem na práia do ribeirão.

Vem derreada e com a sombra do sono no canto  
dos olhos.

Põe a trouxa de roupas na lapa

E erguida fica um momentinho assim no Sol.

A narina dela mexe que nem peito de rolinha.

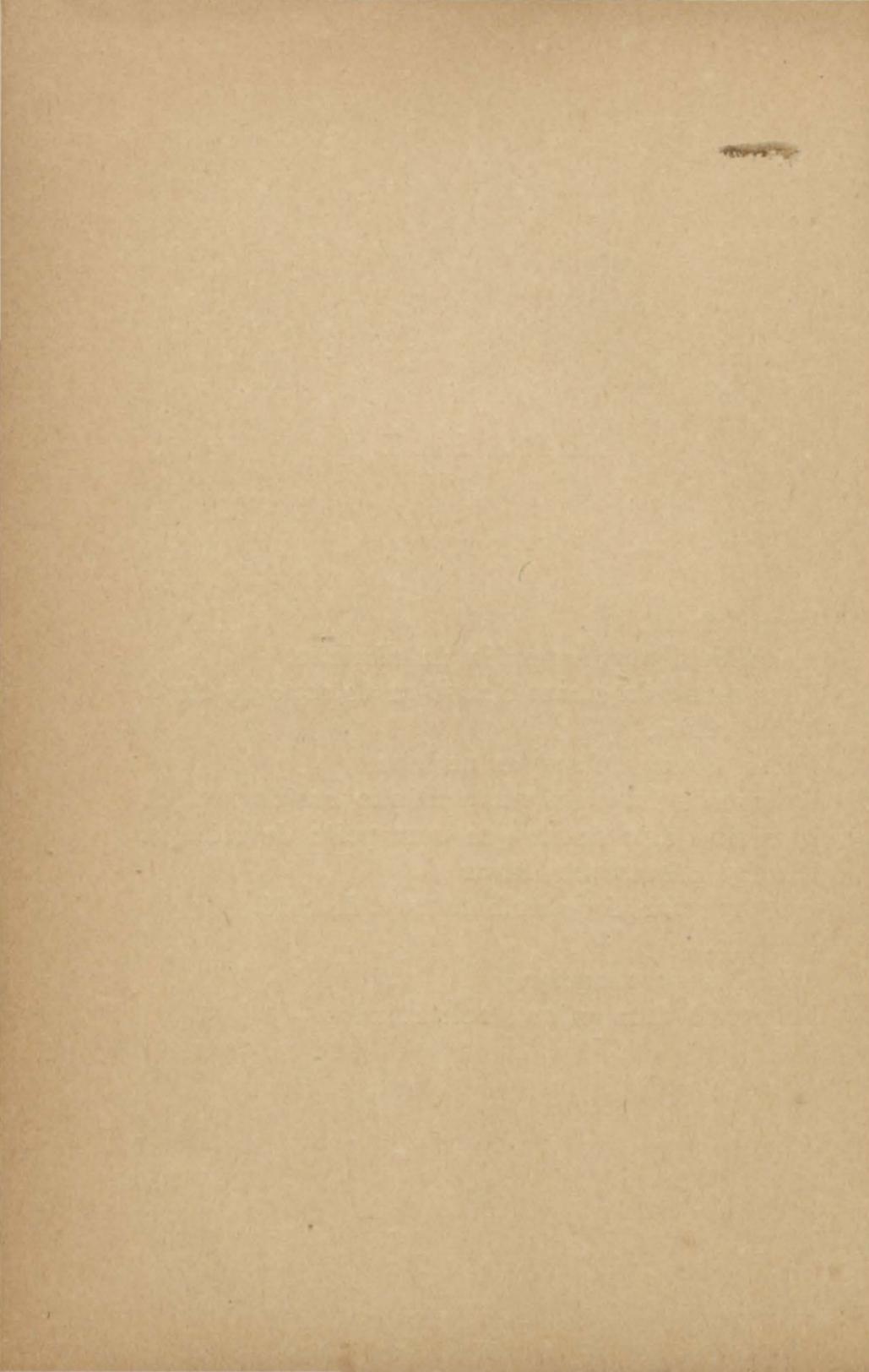
Mastiga a boca sem lavar

Que tem um visgo de banana e de café.

Respira.

Afinal se espreguiça

Erguendo pros anjos o colo criador.



# TOADA DO PAI-DO-MATO

*(Indios Parecis)*

A moça Camalalô  
Foi no mato colher fruta.  
A manhã fresca de orvalho  
Era quasi noturna.

— Ah...

Era quasi noturna...

Num galho de tarumã  
Estava um homem cantando.  
A moça sai do caminho  
Pra escutar o canto.

— Ah...

Ela escuta o canto...

Enganada pelo escuro  
Camalalô fala pro homem:  
Arití, me dá uma fruta  
Que eu estou com fome.

— Ah...

Estava com fome...

O homem rindo secundou:  
— Zuimaalúti se engana,  
Pensa que sou arití?  
Eu sou Pai-do-Mato.

Era o Pai-do-Mato!

## TEMPO DAS AGUAS

O gado estava amoitando na capoeira.  
Agora é a gupiara agachada no lombo do morro  
Vazia que não tem mais fim.

De repente faz cocega na cara da gente  
A mão de chuva do vento.  
Tempo perdido se afobar,  
Ela já vem na cola do liburno.  
Olhe a folhinha sêca.  
Salta que salta ressabiada, corcoveia,  
Desembestou que nem potranca chucra pasto  
fora.  
Você quasi nem tem tempo de vestir a capa boa  
E despenca a chuva de Deus.

O espaço num atimo se enche de ar leviano  
E a agua lava até a espinha da gente  
E encrespa a crina do animal.  
Que gostosura!  
Você regeita o forde da fazenda na porteira  
E continua tchoque-tchoque na tijuqueira pe-  
guenta da estrada.

Em casa,  
No brim novo com cheiro de ribeirão  
Você deita na rede da varanda,  
Chupita o traço da abrideira...  
E se conversa.

E se conversa sobre a baixa do café.

## P O E M A

Neste rio tem uma iara...

De primeiro o velho que tinha visto a iara  
Contava que ela era feiosa, muito!  
Preta gorda manquitola ver peixe-boi.  
Felizmente velho já morreu faz tempo.  
Duma feita, madrugada de neblina  
Um moço que sofria de paixão  
Por causa duma índia que não queria ceder  
pra êle,  
Se levantou e desapareceu na agua do rio.  
Então principiaram falando que a iara canta-  
va, era moça,  
Cabelos de limo verde do rio...

Ontem o piá brincabrincando  
Subiu na igara do pai abicada no porto,  
Botou a mãozinha na agua funda  
E vai, a piranha abocanhou a mãozinha do piá.

Neste rio tem uma iara...

## TOSTÃO DE CHUVA

Quem é Antonio Jeronimo? E' o sitiante  
Que mora no Fundão  
Numa biboca pobre. E' pobre. Dantes  
Inda a coisa ia indo e êle possuia  
Um cavalo cardão.

Mas a sêca batera no roçado...  
Vai, Antonio Jeronimo um belo dia  
Só por debique de desabusado  
Falou assim: "Pois que nosso padim  
Pade Ciço que é milagreiro, contam,  
Me mande um tostão de chuva pra mim!"  
Pois então nosso "padim" padre Cicero  
Coçou a barba, matutando e disse:  
"Pros outros mando muita chuva não,

Só dois vintens. Mas pra Antonio Jeronimo  
Vou mandar um tostão”.

No outro dia veio uma chuva boa  
Que foi uma festa pros nossos homens  
E o milho agradeceu bem. Porém  
No Fundão veio uma trovoada enorme  
Que num atimo virou tudo em lagoa  
E matou o cavalo de Antonio Jeronimo.  
Matou o cavalo.

## LENDA DO CÉU

Andorinha, andorinha,  
Andorinha avoou,  
Andorinha caiu,  
Curumim a pegou.

— Piá, não me maltrata não!  
Eu levo você pro mato  
Enxergar bichos tamanhos  
E correr com os guanunbís...

O menino brincava,  
Andorinha sofria  
E dum lado pra outro  
Atordoada gemia:

— Piá, não me maltrata não!  
Eu levo você pro mar  
Ver as ondas ver as praias  
Ver os peixinhos do mar...

O menino malvado  
Taperá machucou.  
E já morremorando  
A coitada falou:

— Piá, não me maltrata não...  
Eu levo você pro céu...  
E nunca ninguém não cansa  
De ver as coisas do céu...  
E' um sítio bonito mesmo  
Beiradeando o trem-de-ferro,  
Lá você acha sua gente  
Que faz muito que morreu.  
Assegura em minhas penas,  
Vamos embora com Deus...

Andorinha, andorinha,  
Andorinha avoou,  
Foi subindo pro céu,  
Curumim carregou.

— Assegura bem, menino,  
Não olha pra baixo não.  
Não tem sodade do mundo  
Que o mundo é só perdição.

E avoando avoando  
Afinal se chegou.  
Andorinha desceu.  
Curumim apeou.

Abriu os olhos e viu.  
Era o céu... ôh boniteza!  
Tinha espingarda gangorra  
Estilingue... Tinha bichos  
E tinha tantas surpresas  
Que era mesmo um desperdício.

Olha um cachorro janguar!  
Olha a ave seriema!  
Olha aquelas tres-marias  
Da gente bolear nhandús!...  
Era que nem um pomar  
Com tanta fruta aromando  
Que o ar ficava que ficava  
Bomzinho de respirar.

O curumim caminhava  
Seguindo os postes da linha,  
Lá pelo varjão se ouvia  
Duma fordeca a chispada,  
E no meio-dia quente  
Amulegando maneiro  
Um abôio tão chorado  
Que acuava no corpo doce  
O sono do brasileiro.

Tinha mandioca e assaí  
Mate cana arroz café  
Muita banana e feijão  
Milho cacau... Tinha até  
Pra lá do cercado novo  
Cheio de taperebás  
Um rancho do nosso povo  
Com seu mastro de São João.

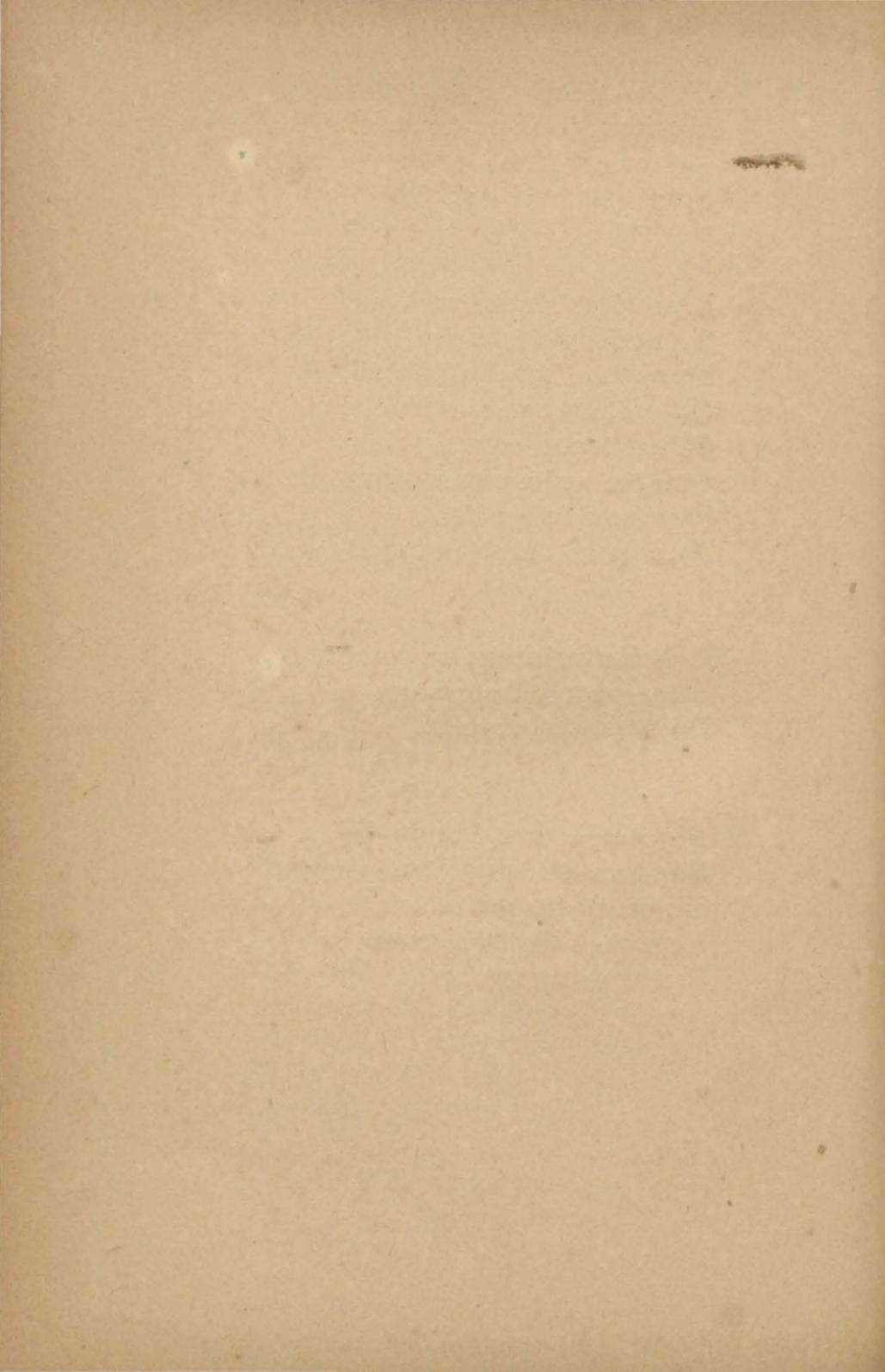
No galpão um homem comprido  
Duma quente morenez,  
Com a pele bem sapecada  
Pelo Sol dêste país,  
Gemia numa sanfona  
Ûa mazurca tão linda  
Que si parava um bocado  
O ouvido cantava ainda.

O menino olhou pro homem  
E gritou: — B'as tarde, tio!  
— Meu sobrinho, entra no rancho,  
Nossa gente já está aí.

E o piá se rindo matava  
Saudades do coração.  
Tomava a benção da mãe,  
Do pai, abraçava o irmão,  
Afinal topou com o primo  
Que era unha-e-carne com êle  
E comovidos os dois,  
Os dois se deram a mão.

E foram brincar pra sempre  
Pelos pagos abençoados  
Do meio-dia do céu.

No céu sempre é meio-dia...  
Não tem noite, não tem doença  
E nem outra malvadez...  
A gente vive brincando...  
E não se morre outra vez.



# COCO DO MAJOR

(Rio Grande do Norte)

*a Antonio Bento de Araujo Lima*

O major Venancio da Silva  
Guarda as filhas com ôlho e ferrolho,  
Que vidinha mais caningada  
— seu mano —  
Elas levam no engenho do velho!

Nem bem a arraiada sonora  
Vem tangendo as juremas da estrada

Já as tres se botam na renda  
— seu mano —  
Trequetrequé de bilros, mais nada.

Vai, um mocetão paroara  
Destorcido porêem sem cabeça  
Apostou num coco da praia  
— seu mano —  
Que daria uma espiada nas moças.

Pois a fala do lambanceiro  
Foi parar direitinho no ouvido  
Do major Venancio da Silva  
— seu mano —  
Que afinal nem se deu por achado.

Bate alguém na séde do engenho.  
— Seu major, ando morte de séde,  
Por favor me dê um copo de agua...  
— seu mano —  
— Pois não, moço! Se apeie da egua.

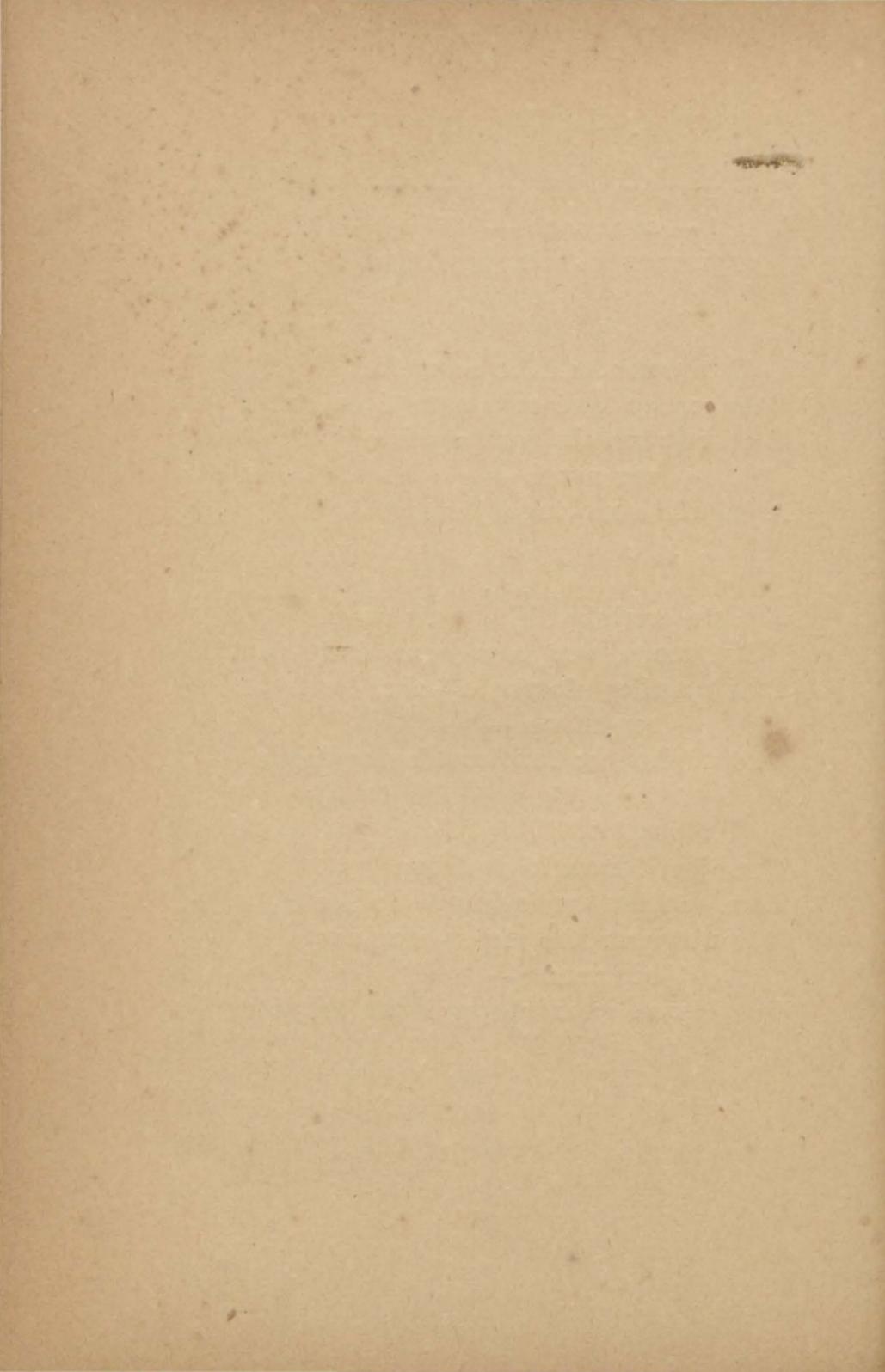
Dois negrões agarram o afoito,  
O major assobia pra dentro.  
Vêm tres moças lindas chorando  
— seu mano —  
Com quartinhas de barro cinzento.

— Esta é minha filha mais velha,  
Beba, moço, que essa agua é de sanga.  
E os negrões obrigam o pobre  
— seu mano —  
A engulir a primeira moringa.

— Esta é minha filha do meio,  
Beba, moço, que essa agua é de corgo.  
E os negrões obrigam o pobre  
— seu mano —  
A engulir a moringa, já vesgo.

— Esta é minha filha mais nova,  
Beba, moço, que essa agua é de fonte.  
E os negrões afogam o pobre  
— seu mano —  
Que adubou os faxeiros do monte.

O major Venancio da Silva  
Tem as filhas mais lindas do norte  
Mas ninguem não viu as meninas  
— seu mano —  
Que êle as guarda com agua de pote.



MODA DA CADEIA DE  
PORTO ALEGRE

*a Mario Pedrosa*

Dona Rita amouxa em casa.  
Uma porção da riqueza  
Que o marido, que Deus tenha!  
Por amor dela ajuntou.  
A riqueza de que falo  
E' cobres, porque dos filhos  
Só um mocinho não gorou.

Apesar dessa familia  
Já grande em pleno viçor,

Quando ela pensa em gatunos  
Corre pela espinha dela  
Uma friagem de horror.

Tambem não tem na cidade  
Correição de segurança  
Adonde gatuno que entra  
Perde pra sempre a esperança  
De outra vez ir gatunar.  
Dona Rita passa as noites  
Sem dormir, sem descansar.  
Qualquer barulhinho a pobre  
Levanta, vai assuntar.

Pois então ela resolve,  
Gasta mas gasta pra bem:  
Faz construir uma cadeia  
Que mais segura não tem  
Por êste grande Brasil.

Era mesmo um casarão  
Alvo que nem tabatinga,  
Com tanta grade tamanha  
Que apertava o coração.  
Toda a gente ia passear  
Lá no largo da Cadeia  
Mas porêm se espera um prêso  
Pra estrea da correição.

Agora o filho entra tarde.  
Dona Rita sossegada  
Costura, pesponta meias  
Enquanto sono não vem.  
Só de pensar na cadeia  
Dona Rita dorme bem.

Foi então que numa festa  
Já quasi de-manhãzinha  
O filho de dona Rita  
Botou seis tiros no peito  
De outro moço, rival dele  
Nuns negocios de paixão.

Estrearam a correição.  
Dona Rita não foi ver.

Definha que não definha,  
Durou uns pares de meses,  
Afinal veio a morrer.

Falam tambem que de-noite  
O carcereiro rondando  
Escuta pelo caminho

O choro de dona Rita  
Gemendo devagarzinho...

Mas isso de assombração  
Só quem vê é que acredita...

## P A I S A G E M N.º 5

De-dia um Solzão de matar taperá  
Passeou na cidade o fogo de Deus.  
Os paulistas andaram que nem caçaremas tontas  
Daqui pra ali buscando as sombras de mentira.  
Mas agorinha mesmo deram as vinte horas.  
De já-hoje quando a noite agarrou empurrando  
a luz quente pra trás do horizonte  
Brisou uma friagem de inverno refrescando os  
praceanos e a cidade rica.  
As familias pararam de suar.  
Janelas abertas e portas abertas em todas as  
casas.  
Se boia, se conversa descansado.

Nas varandas portas terraços escuros  
Acende apagam os vagalumes dos cigarros.

Todas as bulhas se ajuntam num riso feliz.

Faz gôsto a gente andar assim atôa  
Reparando na calma da sua cidade natal.

## MODA DA CAMA DE GONÇALO PIRES

Gonçalo Pires possui uma cama,  
Em nossa vila não tem mais nenhuma,  
Gonçalo Pires se dá um estadão,  
Só êle na terra dorme gostoso  
Em traste bonito de estimação.

Delem! dem! dem!... O sr. Ouvidor,  
Representante de Felipe IV,  
Já vem subindo pelo Cutabão.  
O dr. Antonio Rebello Coelho  
Vem nesta vila fazer correição.

Delem! dem! dem!... São Paulo nos acuda!  
Se agita a Municipalidade,

Ouvidor-geral não dorme no chão!  
Gonçalo Pires não quer emprestar  
Cama cobertor lençol e colchão.

Mas os vereadores são bons paulistas  
E Francisco Jorge, o procurador,  
Recebe da Camara autorisação:  
Trará a cama de Gonçalo Pires,  
Ele que deixe-se de mangação!

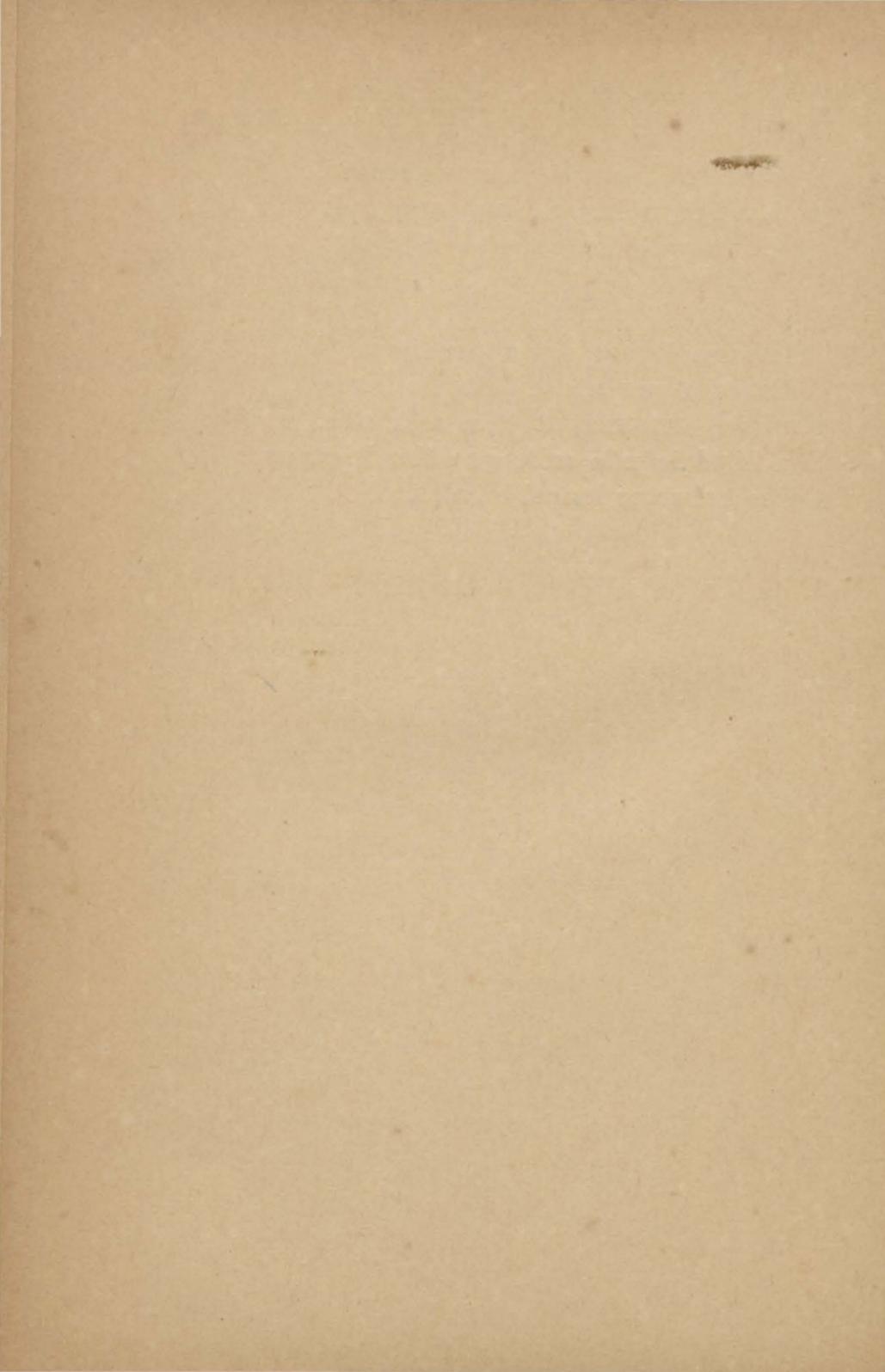
Gonçalo Pires resmunga, peleja,  
Mas a autoridade é da Autoridade,  
Lá vêm pelas ruas em procissão,  
Cobertos de olhos relampeando inveja  
Cama cobertor lençol e colchão.

Que humido frio... Das varzeas em torno  
Na noite vazia que não tem fim  
Dissolve as casinhas a cerração...  
O Ouvidor-geral sonha em cama boa  
E Gonçalo Pires dorme no chão.

Delem! dem! dem!... O Ouvidor vai-se embora.  
Sai mais festejado que quando entrou...  
A Camara impa de satisfação.  
Mas os vereadores são bons paulistas:  
— Que entregue-se a cama com prontidão.

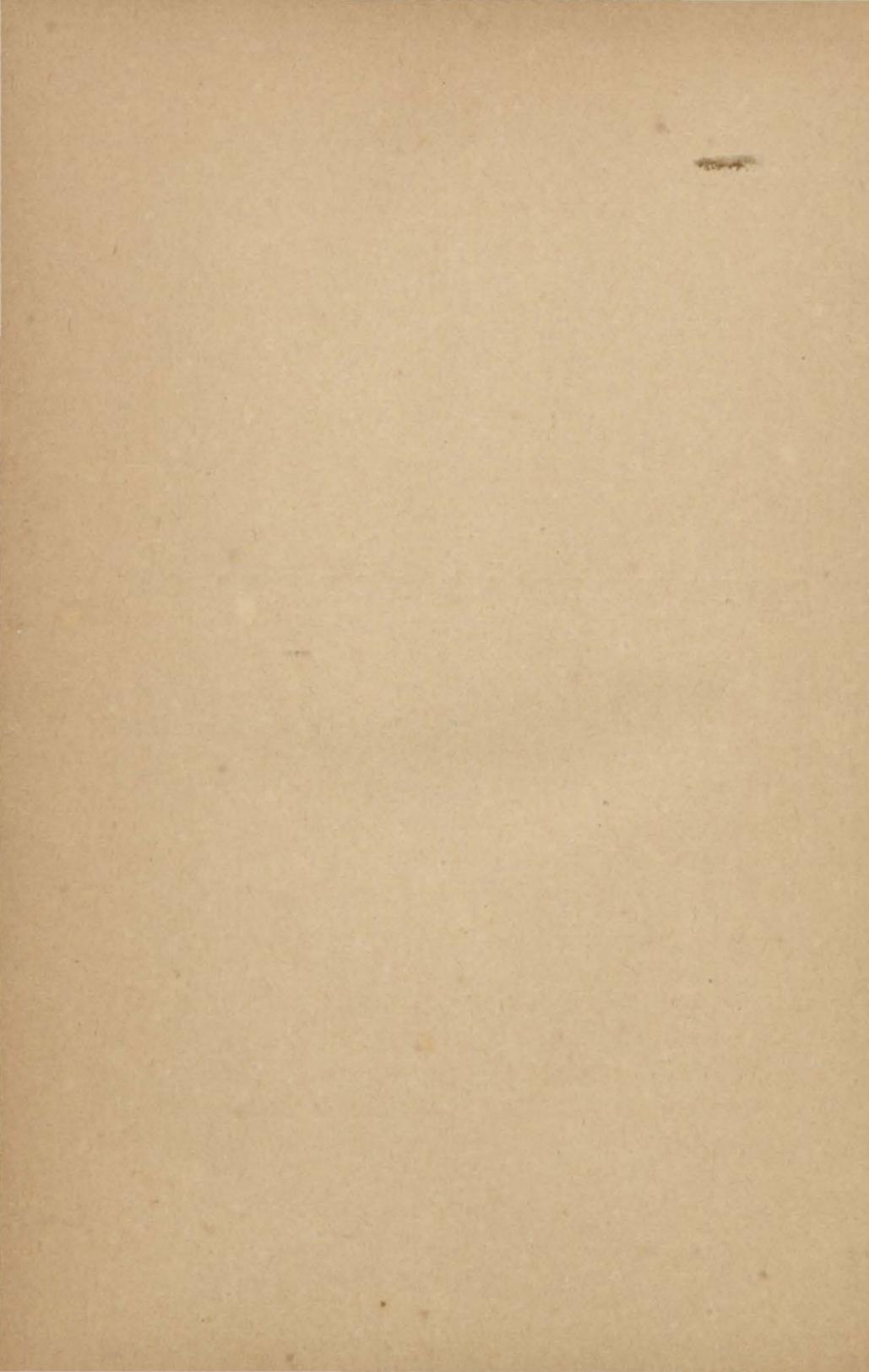
Gonçalo Pires rejeita o bem dele.  
Não dorme em cheiro de ouvidor-geral...  
Se reúne a Camara em nova sessão.  
— Lave-se o lansol! indica o notario.  
Qual! Gonçalo empaca na rejeição.

Sete anos levam nessa pendenga  
A Camara paulista e Gonçalo Pires,  
Paulista emperrando, não cede não.  
E a história não sabe que fim levaram  
Cama cobertor lençol e colchão.



DOIS POEMAS ACREANOS

*a Ronald de Carvalho*



I

DESCOBRIMENTO

Abancado á escrivaninha em São Paulo  
Na minha casa da rua Lopes Chaves  
De sopetão senti um friume por dentro.  
Fiquei tremulo, muito comovido  
Com o livro palerma olhando pra mim.

Não vê que me lembrei que lá no norte, meu  
Deus! muito longe de mim  
Na escuridão ativa da noite que caiu  
Um homem palido magro de cabelo escorrendo  
nos olhos,

Depois de fazer uma pele com a borracha do  
dia,

Faz pouco se deitou, está dormindo.

Esse homem é brasileiro que nem eu.

## II

### ACALANTO DO SERINGUEIRO

Seringueiro brasileiro,  
Na escuridão da floresta  
Seringueiro, dorme.  
Ponteando o amor eu forcejo  
Pra cantar uma cantiga  
Que faça você dormir.  
Que dificuldade enorme!  
Quero cantar e não posso,  
Quero sentir e não sinto  
A palavra brasileira  
Que faça você dormir...  
Seringueiro, dorme...

Como será a escuridão  
Dêsse mato-virgem do Acre?  
Como serão os aromas  
A macieira ou a aspereza  
Dêsse chão que é também meu?  
Que miséria! Eu não escuto  
A nota do uirapurú!...  
Tenho de ver por tabela,  
Sentir pelo que me contam,  
Você, seringueiro do Acre,  
Brasileiro que nem eu.  
Na escuridão da floresta  
Seringueiro, dorme.

Seringueiro, seringueiro,  
Queria enxergar você...  
Apalpar você dormindo,  
Mansamente, não se assuste,  
Afastando esse cabelo  
Que escorreu na sua testa.  
Algumas coisas eu sei...  
Troncudo você não é.  
Baixinho, desmerecido,  
Pálido, Nossa Senhora!  
Parece que nem tem sangue.  
Porém cabra resistente  
Está ali. Sei que não é  
Bonito nem elegante...  
Macambúcio, pouca fala,

Não boxa, não veste roupa  
De palm-beach... Enfim não faz  
Um desperdício de coisas  
Que dão confôrto e alegria.

Mas porêem é brasileiro,  
Brasileiro que nem eu...  
Fomos nós dois que botámos  
Pra fora Pedro II...  
Somos nós dois que devemos  
Até os olhos da cara  
Pra êsses banqueiros de Londres...  
Trabalhar nós trabalhamos  
Porêem pra comprar as perolas  
Do pescocinho da moça  
Do deputado Fulano.  
Companheiro, dorme!  
Porêem nunca nos olhâmos  
Nem ouvimos e nem nunca  
Nos ouviremos jamais...  
Não sabemos nada um do outro,  
Não nos veremos jamais!

Seringueiro, eu não sei nada!  
E no entanto estou rodeado  
Dum despotismo de livros,  
Estes mumbavas que vivem  
Chupitando vagarentos

O meu dinheiro o meu sangue  
E não dão gosto de amor...  
Me sinto bem solitario  
No mutirão de sabença  
Da minha casa, amolado  
Por tantos livros geniais,  
"Sagrados" como se diz...  
E não sinto os meus patricios!  
E não sinto os meus gaúchos!  
Seringueiro, dorme...  
E não sinto os seringueiros  
Que amo de amor infeliz...

Nem você pode pensar  
Que algum outro brasileiro  
Que seja poeta no sul  
Ande se preocupando  
Com o seringueiro dormindo,  
Desejando pro que dorme  
O bem da felicidade...  
Essas coisas pra você  
Devem ser indiferentes,  
Duma indiferença enorme...  
Porém eu sou seu amigo  
E quero ver si consigo  
Não passar na sua vida  
Numa indiferença enorme.  
Meu desejo e pensamento  
(...numa indiferença enorme...)

Ronda sob as seringueiras

(...numa indiferença enorme...)

Num amor-de-amigo enorme...

Seringueiro, dorme!

Num amor-de-amigo enorme

Brasileiro, dorme!

Brasileiro, dorme.

Num amor-de-amigo enorme

Brasileiro, dorme.

Brasileiro, dorme,

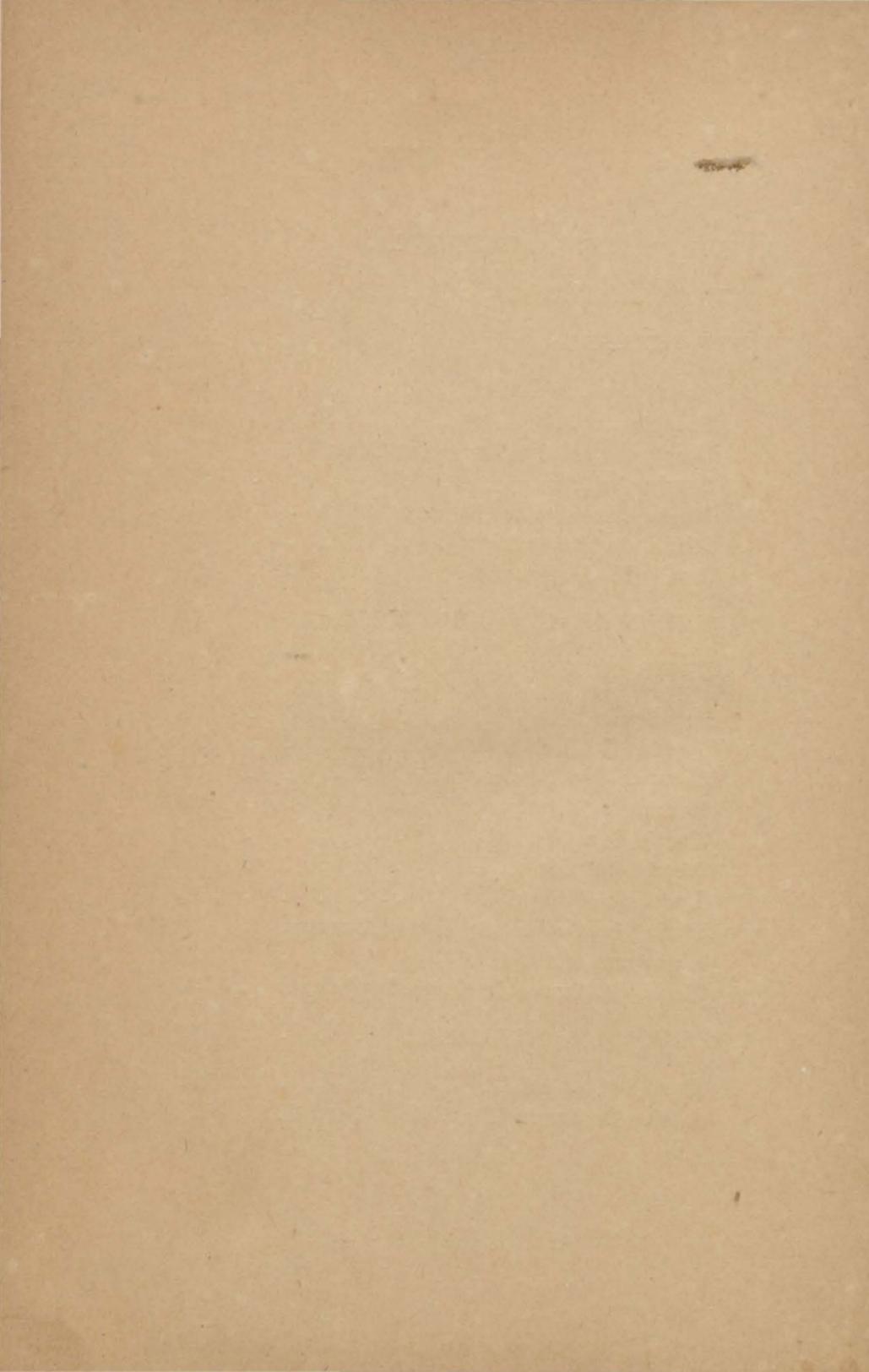
Brasileiro... dorme...

Brasileiro... dorme...

Coleção  
SÉRGIO B. HOLANDA  
Biblioteca Central  
UNICAMP

# INDICE

	Pags.
O POETA COME AMENDOIM . . . . .	5
CARNAVAL CARIOCA . . . . .	11
COORDENADAS . . . . .	31
Rondó pra Você . . . . .	33
Viuvita . . . . .	35
Lembranças do Losango Cáqui . . . . .	37
Sambinha . . . . .	39
Moda dos quatro Rapazes . . . . .	41
Moda do Brigadeiro . . . . .	43
Acalanto da Pensão Azul. . . . .	45
NOTURNO DE BELO HORIZONTE . . . . .	47
O RITMO SINCOPADO . . . . .	67
Arraiada . . . . .	69
Toada do Pai-do-Mato . . . . .	71
Tempo das Aguas. . . . .	73
Poema . . . . .	75
Tostão de Chuva . . . . .	77
Lenda do Céu . . . . .	79
Coco do Major. . . . .	85
Moda da Cadeia de Porto Alegre . . . . .	89
Paisagem n.º 5 . . . . .	93
Moda da Cama de Gonçalo Pires . . . . .	95
DOIS POEMAS ACREANOS . . . . .	99
Descobrimento . . . . .	101
Acalanto do Seringueiro . . . . .	103





ESTA EDIÇÃO DE MIL  
EXEMPLARES DO CLAN  
DO JABOTI SE TERMI-  
NOU AOS 30 DE NOVEM-  
BRO DE 1927 NAS OFI-  
CINAS GRAFICAS DE  
EUGENIO CUPOLO, LA-  
DEIRA STA. IFIGENIA  
N. 21 EM SÃO PAULO

